



# hallceart

## #01

Onde vão parar os egressos do CEART?

Arte x Liberdade de expressão

Mestrado em Design

Co-autoria: Participando do nascimento de uma obra









Foto: Maurício Tussi

## Revista Hall CEART

*Hall /hɔ:l/ - substv: "É a divisão imediata à entrada principal da casa, é onde usualmente recepciona-se as pessoas."*

Em sua primeira edição, a revista convida o leitor a abrir uma porta. Do outro lado dessa porta há um hall, o nosso hall, o hall do Centro de Artes da UDESC. Um corredor extenso, iluminado, colorido; onde todos caminham e deixam a sua marca, a sua palavra, o seu som. Essa é a proposta da Revista Hall Ceart, uma publicação da Universidade Estadual de Santa Catarina, voltada às atividades culturais desenvolvidas no Centro de Artes, um centro universitário rico em cultura gráfica, musical, cênica e plástica.

Propomos uma leitura em camadas, descobrindo uma nova sensação a cada folhear, a cada leitura, a cada momento em que nos permitimos um intervalo na correria do cotidiano, dedicando alguns minutos uma peça gráfica bem-feita e a um sentimento impresso através das expressões de um artista.

Sob a presidência do diretor geral do CEART, Milton de Andrade Leal Jr., com a coordenação de Gabriela Mager e Anelise Zimmermann, professoras do curso de Design, em parceria a jornalista Célia Penteado,

do Núcleo de Comunicação, o projeto mescla diferentes artes, contemplando todos os cursos do CEART.

As pautas foram sugeridas pelo conselho editorial, formado pelas pessoas citadas acima e pelos professores Sandra Ramalho (artes visuais), Vicente Concílio (cênicas), Flávio dos Santos (design), Icleia Silveira (moda) e Luiz Mantovani (música) e a professora e jornalista Monique Vandresen.

O projeto gráfico, proposto pelas alunas Camila Meyer e Mariele Fantini na disciplina de Prática Projetual III em 2010/01 e orientadas pelas professoras Genilda Araújo e Gabriela Mager (design), foi executado pelas acadêmicas Manuela Cunha e Camila Busarello.

Feitas as devidas apresentações, aceite agora o nosso convite. Atravesse a porta, venha conosco, nos acompanhe em um passeio através da Revista Hall Ceart. ■

## Futuros Pitacos

Para contatar o Núcleo envie um e-mail para: [nucleoceart@udesc.br](mailto:nucleoceart@udesc.br) ou ligue para: (48) 33218350

## quem faz o quê?

Revista Hall CEART  
Setembro de 2011  
Centro de Artes da UDESC  
Diretor Geral: Milton de Andrade Leal Jr.  
Editora: Célia Penteado. MTb.:20.294

### Conselho Editorial

#### Presidente

- Milton Andrade Leal Jr.

#### Direção de Arte

- Gabriela Botelho Mager
- Anelise Zimmermann

#### Editora Chefe

- Célia Penteado

#### Jornalista Colaboradora

- Monique Vandresen

#### Departamento de Moda

- Icléia Silveira e Silva

#### Departamento de Artes Cênicas

- Vicente Concílio

#### Departamento de Artes Visuais

- Sandra Regina Ramalho e Oliveira

#### Departamento de Música

- Luiz Carlos Mantovani Jr.

#### Departamento de Design

- Flávio Anthero Nunes Viana dos Santos

#### Produtoras gráficas e representantes discentes

- Camila Busarello
- Manuela Cunha Soares

#### Revisão

- Lais Moser

### Colaboradores

#### Entrevistas e textos

- Fernanda Burigo
- Leonardo Lima
- Natália Izidoro
- Deborah Salves

#### Fotografia

- Aga Markowska Ferreira
- Aline Pinho
- Anderson Voltolini
- André Auler
- Caio Cezar
- Camila Meyer
- Camila Ribiro
- Gleide de Oliveira
- Denilson Antonio

- Eliana Gonçalves
- Evandro Luis Teixeira
- Fernanda Burigo
- Fernando Lazlo
- Gaia Petrelli
- Giorgio Filomeno
- Júlia Oliveira
- Leonardo Lima
- Lilian Barbon
- Luiz Fiaminghi
- Maria Helena Barbosa
- Maurício Tussi
- Natália Izidoro
- Naiane Cristina Salvi
- Paulo Cesar F. Soares
- Raphael Günther
- Rodrigo Kormann
- Ron Lima

### Contato

Núcleo de Comunicação do CEART  
Av. Madre Benvenuta, 2007  
3321-8350  
[nucleoceart@udesc.br](mailto:nucleoceart@udesc.br)

### Circulação

Periodicidade: semestral  
Tiragem: 3.000 exemplares

### Impressão

Gráfica: DIOESC  
3.000 exemplares  
76 páginas

no  
hall

2

**Base**

Sejam bem vindos ao Hall Ceart, um espaço já bem conhecido pelos ceartianos

8

**Em foco  
Onde trabalham os  
egressos do CEART?**

Os rumos de alguns alunos depois de formados



12

**Em foco  
Sobre como publicar?**

Para ser 'feitiço', é necessário ser primeiro aprendiz.

74

**Ping pong:  
Apareça e cresça**

Conversa com Célia Penteado, jornalista que criou o Núcleo de Comunicação do CEART/ UDESC

artes  
cêni  
cas 16



**Em foco  
Admirável teatro novo**

O uso de aparatos tecnológicos e a cena

18

**Ping pong:  
Paulo Vasilescu**

Formado pela UDESC, Vasilescu há pelo menos dez anos interpreta consagrada personagem Zuleika

21

**Fica a dica**

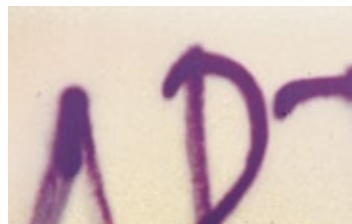
Fique por dentro das últimas dicas, das novidades e dos assuntos mais interessantes que dizem respeito ao mundo das artes cênicas

20

**Portfolio**

Seleção de grandes trabalhos, realizados pelos acadêmicos do curso de artes cênicas do CEART

artes  
visu  
ais 24



**Em foco  
Falando em arte**

Onde termina a liberdade de expressão?

26

**Ping pong:  
Leandro Serpa**

No TCC, ele une futebol e artes visuais

29

**Fica a dica**

Fique por dentro das últimas dicas, das novidades e dos assuntos mais interessantes que dizem respeito ao mundo das artes visuais

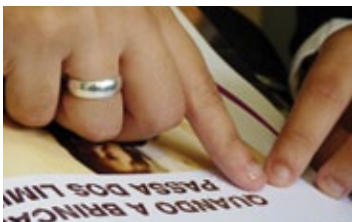
32

**Portfolio**

Seleção de grandes trabalhos, realizados pelos acadêmicos do curso de artes visuais do CEART

design

36



### Em foco A função social do design

O Design, mais que produto de função efêmera, possui uma carga social

### Em foco Mestrado em Design

40

Pós é pioneira, no Brasil, na área de ergonomia em design

### Ping pong: Elisa Baasch

42

Uma catarinense na Vancouver Film School

### Fica a dica

45

Fique por dentro das últimas dicas, e mais interessantes que dizem respeito ao mundo do design

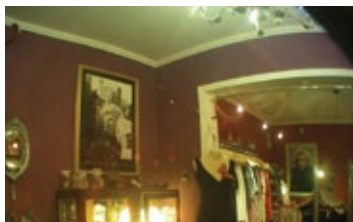
### Portfolio

46

Seleção de grandes trabalhos, realizados pelos acadêmicos dos cursos de design do CEART

moda

52



### Em foco Brechós aliam peças originais e sustentabilidade

A conquista de novos espaços

### Em foco Moda e Tecnologia: Nicho Promissor

54

Conheça a empresa catarinense Audaces

### Ping pong: Relações entre aparên- cia, consumo e sociedade

56

Entrevista com Mara Rubia SantAnna

### Fica a dica

59

Fique por dentro das últimas dicas, e mais interessantes que dizem respeito ao mundo do design

### Portfolio

60

Seleção de grandes trabalhos, realizados pelos acadêmicos dos cursos de design do CEART

música

64



### Em foco Experiências colaborativas

Participando do nascimento de uma obra

### Fica a dica

67

Fique por dentro das últimas dicas, das novidades e dos assuntos mais interessantes que dizem respeito ao mundo da música

### Em foco Peculiaridade no som do Cravo-da-Terra

69

Com onze anos de carreira, banda é integrada por alunos formados pelo CEART

### Portfolio

71

Seleção de grandes trabalhos, realizados pelos acadêmicos do curso de música do CEART



Egresso Tadeu Stangherlin.  
Foto: Divulgação.

# Onde trabalham os egressos do CEART?

Pesquisa informal\* verifica rumo que alguns alunos tomam depois de formados.

Por Natália Izidoro, do Núcleo de Comunicação do CEART

## **Tadeu Stangherlin Damo – Moda**

Desde que se formou em 2008, Tadeu Stangherlin se envolveu em diversas atividades, tais como: desenvolvimento de coleção para indústria, criações personalizadas para atelier sob-medida, figurinos de show e teatro, produção de moda para desfiles, catálogos e eventos, campanhas de produtos, vitrinismo e modelagem.

Hoje gerencia a marca Tadeu Stangherlin e afirma que na faculdade aprendeu a fazer de sua paixão um ofício diário. “É preciso ser criativo e funcional, independentemente de qualquer turbulência e essa constância vem das aulas, dos books e da paciência dos meus professores”, afirma. Durante o curso, o estilista participou do Santa Catarina Moda Contemporânea (SCMC) e comenta: “Participando desses eventos tive contato com outras empresas e, a partir daí, fiz editoriais fotográficos e apresentações em feiras do segmento”.

\*Amostragem  
Aleatória Simples -  
seleção através de  
sorteio.



O estilista criou looks para famosas como Alessandra Ambrosio e Ivete Sangalo. Desenvolveu também o vestuário da marca Ipanema no Planeta Atlântida de 2010. Para que seu trabalho não se torne refém das constantes mudanças, busca criar vestuários ligados às macrotendências, mas sem se dispersar de seu próprio estilo.

Tadeu pretende se dedicar mais à área de modelagem e moulagem, suas maiores paixões. “Tenho grande interesse na área de figurino. Em breve, sigo para o Rio de Janeiro para desenvolver trabalhos neste sentido. Pretendo mostrar técnicas de transformação têxteis que têm referências na cultura ilhéu como as rendas de bilro”, conta.

### **Sarah Ferreira – Artes Cênicas**

Sarah Ferreira concluiu a licenciatura em cênicas pela UDESC em 2009. Há cinco anos, edita o blog VIDEODANÇA+, um web espaço aglutinador de mídias que investiga relações entre dança e imagem em movimento. Sua pesquisa, com alcance e reconhecimento mundial, mapeia experiências que transitam entre o cinema, dança e vídeo, incluindo o universo das novas tecnologias e da internet.

Depois de formada, participou de cursos de videodança com artistas nacionais e internacionais, dirigiu peças e deu aulas de teatro. Sarah possui formação prática em dança contemporânea com investigação na técnica do contato-improvisação. Como integrante do Erro Grupo há seis anos, ela vem atuando em algumas peças (“Enfim um líder” e “Formas de Brincar”) e também registra alguns dos espetáculos.

Autônoma como videomaker, Sarah faz filmagens e edita imagens de eventos artísticos para diferentes



Sarah Ferreira. Foto: Anderson Voltolini.

grupos de Florianópolis, além de dirigir trabalhos em videodança. Ela destaca que ter aprendido técnicas de direção de vídeo fez toda a diferença. Seu foco de pesquisa é a comunicação pela internet, meio em que trabalha com atividades de caráter experimental. “A internet fornece maior espaço de troca de pesquisas entre os artistas e novas formas de interações estéticas aos espetáculos”, diz.

Em relação ao futuro, Sarah pretende continuar desenvolvendo seu blog, uma iniciativa inédita mundial por não possuir financiamento ou vínculo institucional. Planeja, também, se aprofundar no estudo das relações educativas entre o artista cênico e as novas tecnologias. “O audiovisual proporciona outras formas de circulação do produto artístico como TV e a internet, ampliando o encontro com o público”, conclui.

### Pedro Teixeira – Artes Visuais e Design

“Foi admirando imagens e sujando as paredes de minha casa que passei a maior parte de minha infância”, diz Pedro Teixeira, artista conhecido como Driin entre os grafiteiros e como Pedrinho entre os tatuadores. Segundo ele, seu trabalho retrata “uma maneira de ver aquilo que talvez apenas enxergamos com olhos fechados”.

Bacharel em Design Gráfico (2006) e pós-graduado no Mestrado em Artes Visuais (2010) no CEART, Pedro diz que os conceitos aprendidos na faculdade, além do repertório apresentado em aulas, exposições e pesquisas lhe proporcionaram uma grande base.

Paralelamente à universidade, o artista começou a tatuar em 2004. A atividade tornou-se seu ofício, e desenhar passou a ser um processo metodológico e profissional. No final de 2005, cansado de reproduzir apenas desenhos comerciais, Pedro começou a pintura e surgiram seus primeiros trabalhos autorais com a figura feminina usando tinta óleo sobre tela.

Há cinco anos, o graffiti se tornou uma de suas expressões mais importantes. “A liberdade de produzir arte em muros e difundir uma mensagem no meio urbano fez com que a minha produção mergulhasse nesse universo”, comenta Pedro. Ao pintar nas ruas, sua intenção é passar uma imagem-mensagem de Luz, Amor e Vida – três palavras usadas para assinar a maioria de seus trabalhos. “E para ilustrar esses sentimentos sublimes, surgiu o arquétipo da figura feminina de olhos fechados”, explica.

Hoje, “profissionalmente ou por inquietude”, pinta muros, pessoas, telas, painéis e qualquer outra superfície que possa servir como suporte. Tudo com a finalidade de despertar sentimentos e idéias,



Pedro Teixeira. Foto: Divulgação.

relacionar o meio ambiente e seus indivíduos, interferir no cotidiano e, principalmente, dividir e relatar experiências diante da vida.

O artista participa de mostras e workshops, levando sua arte para os mais diversos lugares, “das ruas e muros aos museus e galerias.” Ele afirma que uma das mais importantes incentivadoras, que conseguiu lhe mostrar a fusão entre a rua e a universidade, foi a professora Celia Maria Antonacci, sua orientadora. “O ideal é unir essa base sólida e esse jogo de cintura, da rua, que os meus amigos têm”, conclui.

## Marina Bastos - Música

Ao terminar o curso de Música no CEART em 2008, Marina Bastos concluiu todas as atividades que desenvolvia em Florianópolis. Dentre outros trabalhos, a artista dava aulas na Compasso Aberto - Escola Livre de Música, era cantora no Polyphonia Khoros e flautista no Margem Esquerda. Em seguida, em 2009, mudou-se para São Paulo a fim de aperfeiçoar técnicas de seu instrumento, a flauta transversa.

Marina tem aulas no conservatório de Tatuí, onde cursa flauta MPB/JAZZ, e participa do Coletivo Orquestral e da Vintena Brasileira, grupo dirigido por André Marques (pianista de Hermeto Pascoal). A artista montou um quinteto com colegas do conservatório, faz parte do grupo Boleirinho e se apresenta com diversos músicos da cidade.

Marina tocou durante dois anos no grupo do choro da Praça Benedito Calixto, um conjunto tradicional na cidade de São Paulo. Envolveu-se também com o trabalho de canto coral com a Regente Vera Novack, de quem é assistente em quatro coros. “Tenho me dedicado especialmente à flauta e ao canto, pesquisando e estudando as linguagens da música instrumental, regional e canção brasileiras e do jazz”, comenta.

A artista continua frequentando Florianópolis e, nessas ocasiões, geralmente, se reúne com amigos para tocar diversos estilos de músicas, como forró, choro, carnaval, samba e jazz. Em janeiro de 2011, participou de um show do grupo PORé PORé, formado no CEART. “Ainda existe resquícios desse grupo por aí. Muita gente me pergunta dele, inclusive aqui em São Paulo e em Tatuí”, diz Marina.

De acordo com a flautista, a vivência acadêmica que



Marina Bastos. Foto: Gaia Petrelli.

obteve na UDESC foi muito rica e importante. “Sinto falta dessa vivência. Além disso, meus dois anos de iniciação científica fizeram-me descobrir como pesquisadora e me ajudaram a refletir e a crescer neste sentido”. Com relação ao futuro, Marina penso em continuar tocando em Tatuí e, depois, pretende estudar um ano fora e voltar para fazer um mestrado, a princípio em performance-flauta.

## Daniel Olivetto – Artes Cênicas

Graduado em Artes Cênicas e mestrando em Teatro pela UDESC, Daniel Olivetto, é ator, diretor e co-produtor da Cia. Experimentus Teatrais, sediada em Itajaí, que ajudou a fundar em 1999 - na qual também desenvolveu trabalhos como cenógrafo, iluminador, designer.

Entre os seus trabalhos de graduação, o ator destaca “Hagënbeck Ltda” (2005), espetáculo que dirigiu a partir das disciplinas de encenação e permaneceu quatro anos em cartaz, “Variações sobre

a Morte de Trotsky” (2006), dirigido por Evandro Linhares, e “Ricardo III”, dirigido pelo professor André Carreira em uma disciplina prática. Além disso, se orgulha dos desenhos de luz que desenvolveu para os espetáculos “Mi Muñequita” (2008, com direção de Renato Turnes), “Retrato de Augustine” (2009, com direção de Brígida Miranda), e “Uma Lady MacBeth” (2010, com direção de Edelcio Mostaço).

No final da graduação, atuou no curta “Contraponto”, dirigido por Marcelo F. de Souza. Já formado, gravou em 2009 “Memórias de Passagem”, dirigido por Marco Stroisch e integrou durante dois anos o elenco do show de humor “Teatro de Quinta”. Hoje, o artista dirige o espetáculo “Dois Amores e um Bicho”, integra o elenco do stand up comedy “Comédia à Trois” e atua em dois espetáculos-solos: “O Menino do Dedo Verde”, há 8 anos em cartaz, e “Emoções Baratas (ou Eu Te Amo Glória Pires)”.

Embora responda “ator!” quando lhe perguntam sobre a profissão, Daniel afirma que tem feito de tudo um pouco. “Co-produzo a Cia. Experimentus com a atriz Sandra Knoll há 12 anos, o que significa que a gente está todo dia matando alguns leões pra garantir pauta, apresentações, viagens, novos projetos, captação recursos, e tudo que faça os espetáculos circularem pra gente poder viver bem nessa profissão maluca”, conta.

Daniel está finalizando seu mestrado no CEART, uma pesquisa sobre o trabalho dos atores Matheus Nachtergaele e Leona Cavalli no cinema, sob a orientação da professora Brígida Miranda. “Estou empolgado com a finalização do mestrado, pois estou escrevendo sobre um tema que tem pouca publicação até esse momento, o que apesar de dificultar muito o estudo na hora de encontrar referências, pode gerar um interesse de sua publicação”, comenta.

Ele pretende também continuar se aventurando em seus trabalhos com shows de humor. Daniel criou, com Grazi Meyer e os ex-alunos Malcon Bauer e Milena Moraes, um portal na Internet chamado “Portal Humor Catarina” - uma iniciativa para agregar os artistas e grupos catarinenses que se dedicam a todos os tipos de trabalhos cômicos. ■



Daniel Olivetto. Foto: Caio Cezar.



## breves relatos

### Paula Tonon Bittencourt - Artes Visuais

Paulo graduou-se em 2009 pelo curso de artes visuais e, atualmente, está cursando Engenharia Sanitária e Ambiental na UFSC. Trabalhando como educadora ambiental no Museu do Lixo Companhia Melhoramentos da Capital (COMCAP), Paula se mostra satisfeita: “Na COMCAP tenho oportunidade de unir as duas graduações. Crio personagens educativos ambientais e ajudo na construção do plano museológico, algo que acredito que deveria ser ensinado na Universidade de Artes”.

### Fernanda Brada Penteado – Moda

Formada em 2009, Fernanda conta que, logo depois de ter se formado, começou a trabalhar na Dits, marca de fitness e moda praia em Florianópolis. “Hoje meu trabalho é 100% moda. Pesquiso, crio, desenho, escolho tecidos, cores estampas e administro a produção da confecção”. Ela acredita que sem o aprendizado do curso, seria impossível realizar as tarefas exigidas pelo seu trabalho e afirma que tem “planos de permanecer nesta área para sempre”.

### Luana Francisco Antunes - Música

Após se formar em 2007, entre outras atividades relacionadas à sua graduação, Luana deu aulas de violino e musicalização infantil em escolas de música de Florianópolis. Atualmente, ela continua dando aulas de violino, além de tocar em eventos. “A formação acadêmica é muito importante na minha carreira, pois foi na faculdade aprendi toda base para minha profissão. Pretendo continuar estudando, aperfeiçoando-me e trabalhando mais. Sempre na área da música.”



Israel Braglia. Foto: Leonardo Lima.

### Israel de Alcântara Braglia – Design

Israel graduou-se em 2007 e, logo depois, iniciou o mestrado na mesma área. Nessa época, trabalhou em uma Instituição de Ensino Superior e Tecnológico Nacional como designer instrucional e especialista em educação. Paralelamente desenvolveu projetos de comunicação visual.

Em seguida, ingressou na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) como professor nos cursos de design

gráfico, design de produto e design de animação. Hoje, além de lecionar, está no segundo ano do doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento na UFSC.

“Sem a minha formação de base eu não teria chegado até aqui. Estudar na UDESC foi primordial para abrir os caminhos que estou percorrendo, pois pude cursar disciplinas de outros cursos nas matérias de ênfase”. Para o futuro, ele pretende focar-se na pesquisa do doutorado e permanecer dando aulas, além de dar continuação às pesquisas e projetos de design de hiperfídia.

### Margareth Ferreira Rueckert - Artes Cênicas

Após se formar em 2007, Margareth viajou pelo Brasil e pela Europa, realizando cursos para se aprimorar. Ao voltar para Florianópolis, participou do musical “Chica da Silva”, de Charles Prochnow e, sob direção da professora Sassá Moretti, atuou no espetáculo Paper Macbeth de W. Shakespeare. Margareth também dirigiu a peça “O Misterioso Sumiço do Boi de Mamão, da Cia. Articulação, ministrou cursos para professores da rede pública e elaborou coreografias para Grupos de Jovens de Florianópolis e de Jaraguá do Sul. Hoje, além de atuar, ela dá aulas de dança e teatro para crianças, jovens e adultos da comunidade do bairro Rio Tavares no “PEC - Pirajubá Espaço Cultural”, espaço cultural que criou e que também é sede de seu grupo Cia. Aérea de Teatro.

# Sobre “como publicar?”

Para ser ‘feiticeiro’, é necessário ser primeiro aprendiz. Como em qualquer *métier*.

Por Sandra Ramalho e Oliveira

Diversos profissionais da Universidade, tanto docentes quanto técnicos, são questionados pelos discentes sobre publicações. Como faço para publicar? Isto é positivo, pois mostra que os discentes, desde a graduação, já se deram conta da importância da autoria de textos publicados para seus currículos.

Foto: André Auler.

Entretanto, ser apenas bom para o currículo é um motivo inconsistente. Isto deve ser a consequência e não a motivação para escrever e publicar. Sim, porque para publicar é preciso escrever; e escrever bem, como pré-requisito. E para escrever bem, é preciso ler bastante.

Paralelo a isso, cabe salientar que o que se escreve deve estar baseado em um trabalho anterior, devidamente maturado, de preferência uma pesquisa. Só autores que já publicaram muito, que já pesquisaram muito, sentam-se diante de um teclado e escrevem algo tenha algum valor acadêmico. Não basta termos um tema que nos agrada, para escrever. É preciso saber estruturar o texto, articular as ideias com o pensamento de outros que já estudaram o assunto, discuti-las, inserir contribuições próprias, devidamente fundamentadas, fazer deduções, entre outros aspectos. Colocar no papel ou em um arquivo seu livre pensar sobre algum assunto que lhe apaixona está fadado a ser um texto banal, sem muita originalidade, sem profundidade. Em uma expressão, sem muito valor.

Assim, diante da pergunta ‘como faço para publicar’, eu responderia, em primeiro lugar: procure um orientador. Procure alguém que se dedica

a pesquisar o que lhe interessa, ou, ao menos, um objeto dentro do seu campo de interesse. Insira-se em grupos de pesquisa ou de estudo, tente uma bolsa de pesquisa. Para ser 'feiteiro', é necessário ser primeiro aprendiz. Como em qualquer métier.

O orientador, como seu nome já anuncia, saberá orientá-lo para você construir seu caminho; sim, porque o caminho é seu; e o orientador não é aquele a quem você passa a pá quando cansar, para ele continuar cavando. O orientador é aquele que segura a lanterna.

A trajetória de quem pretende escrever e publicar deve começar pelos artigos contendo resultados de pesquisa, na própria Instituição ou em publicações destinadas à Iniciação Científica. É o orientador quem poderá indicar revistas científicas de outras instituições para você tentar ter seu artigo aprovado, pois ele conhece as linhas editoriais das revistas; e, sobretudo, conhece você.

Depois, surgirão eventos com anais, revistas e, na sequência, talvez surja um convite para um artigo em uma coletânea. Tudo isto, se você continuar estudando, pesquisando e escrevendo. Se o sonho é um livro, bem, daí é outra história, mas dá para antecipar que as etapas acima o antecedem.

## A Co-autoria, muitas vezes, abre as portas dos espaços para publicação

Cabe uma palavra sobre co-autoria ou, mais especificamente, sobre co-autoria com o orientador. Nas grandes Universidades, e mesmo na história da ciência, abundam exemplos de aprendizes publicando com seus orientadores, ou com os líderes de grupos

de pesquisa, seja isto formal ou informal. Isto os credencia, e não o contrário.

Na nossa Universidade, ainda muito jovem, principalmente quanto à pesquisa e pós-graduação, muitas vezes o "aprendiz de feiteiro", aluno ou orientando, acha que o que escrevem é de sua exclusiva propriedade, mesmo que baseado em aulas, mesmo que fundamentado em indicações de bibliografia do professor, mesmo que corrigido por ele. Há uma espécie de egoísmo autoral do iniciante.

Entende-se como uma honra figurar como autor ao lado do nome do orientador, sempre uma pessoa de renome, nacional ou internacional. Isso abre as portas dos espaços para publicação, até porque o orientador não vai permitir que seu nome saia como autor de um texto incipiente. Se ele concorda em ser co-autor, certamente pedirá o texto para dar uma última turbinada, a qual fará a diferença. E talvez seja o fator decisivo para que seu trabalho seja aceito para publicação.

Assim, é mais vantajoso para o orientando, no mundo acadêmico, publicar com o orientador, mesmo que lhe pareça injusto, por achar que "ralou" muito para escrever. Quando este iniciante, interessado agora em publicar, chegar ao topo da cadeia produtiva da academia, ele irá pensar várias vezes se colocará ou não seu nome em um texto de um orientando. ■

Sandra Ramalho e Oliveira é coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/PPGAV – CEART/UEDESC



Foto: Divulgação.



Ferreira no Museu  
Guggenheim de Bilbao.  
Foto: Aga Markowska Ferreira.

## Mobilidade Acadêmica

### Estude no exterior com apoio da UDESC

Por Leonardo Lima, do Núcleo de Comunicação do CEART

Responsável pelas relações entre a UDESC e outras universidades e Instituições brasileiras e estrangeiras, a Secretaria de Cooperação Interinstitucional e Internacional (SCII) promove acordos de cooperação que beneficiam professores, alunos e técnicos da instituição. Todos os discentes da UDESC podem se inscrever nos programas para estudar no exterior. No site do SCII ([www.udesc.br/international](http://www.udesc.br/international)) há diferentes programas e modalidades de intercâmbio, além de informações úteis sobre o assunto.

O Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional de estudantes de graduação, por exemplo, possibilita ao aluno cursar um ou dois semestres em uma universidade estrangeira que possua convênio com a UDESC. A SCII oferece semestralmente, através de Edital específico, o Programa de Mobilidade Estudantil (PROME) que são bolsas de duração de 6 meses onde a UDESC financia passagens, seguro-vida e oferece um auxílio financeiro de 600 dólares ou Euros por mês.



Esses convênios, acordos bilaterais, são firmados entre universidades para que ambas enviem e recebam acadêmicos com os mesmos direitos e obrigações. Ao escolher uma universidade entre as listadas no site, o aluno deve estar consciente de que os termos de cada acordo podem variar. A principal garantia do convênio é que o aluno estará isento das taxas de matrícula e mensalidades na universidade estrangeira – porém custos com passagem, vistos, seguro-vida, estada e outros gastos no país de destino ficam a cargo do estudante.

Outra possibilidade de intercâmbio internacional é o Projeto CAPES/FIPSE, que é gerenciado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Anualmente a CAPES em parceria com outros países oferece Editais específicos de parceria entre duas instituições de ensino superior brasileiras e duas instituições estrangeiras, que neste caso, CAPES/FIPSE, é com os Estados Unidos da América, para a troca de experiências curriculares em diversas áreas do conhecimento.

## Experiências de quem foi

Estudante do curso de música do CEART, Pedro Loch Gonçalves, foi um dos selecionados para cursar música na Morehead State University (Kentucky/EUA). Ele receberá da CAPES uma bolsa mensal, auxílio instalação/acomodação, seguro saúde e passagem aérea de ida e volta. “Eu estou indo aos Estados Unidos para ver como eles tocam e compreendem a música e vou levar comigo a forma de fazer música que trago do Brasil. Acredito que terei uma grande oportunidade de aprender uma visão diferente da oferecida pela UDESC e possa, talvez, mostrar o que nós pensamos e fazemos com relação à música”, afirma o estudante.

Em 2007, o graduando no curso de Artes Visuais, Cássio Markowski Ferreira, realizou um intercâmbio no departamento de escultura e audio visuais da faculdade espanhola de Belas Artes da Universidad Del País Vasco (UPV/EHU). Na época, o estudante era bolsista no Grupo de Pesquisa financiado pelo CNPq, Arte e Vida nos limites da representação e conta que viajou com o incentivo financeiro do CNPq, já que a UDESC não oferecia apoio igual para essa modalidade de intercâmbio. Ele considera o intercâmbio uma experiência importante e dá a dica: “O legal é já ter claro o que quer e qual linha de trabalho seguir. Para isto a UDESC me preparou muito bem, tenho certeza que os professores que hoje estão na universidade – pelo menos os do CEART – são da melhor qualidade”. Ainda vivendo na Espanha, onde, hoje cursa doutorado, Cássio, entre outras atividades, responde pelo projeto sensoria projects ([www.sensoriaprojects.com](http://www.sensoriaprojects.com)).

Os requisitos gerais para se inscrever nos programas de intercâmbio são: estar matriculado na UDESC e ter concluído integralmente os dois primeiros semestres do curso, falar a língua do país de destino, estar em dia com suas obrigações financeiras na faculdade (biblioteca, taxas) e ter, no máximo, uma reprovação por período letivo. Os períodos de inscrição para iniciar os estudos no exterior são: março para viagem em agosto/setembro e agosto para viagem em janeiro/fevereiro. É bom sempre checar antes as datas com a SCII. ■

## Contato com a SCII

SCII - Secretaria de Cooperação Interinstitucional e Internacional  
De segunda a sexta-feira, das 13h às 19h  
+55 48 3321-8039 | [scii.reitoria@udesc.br](mailto:scii.reitoria@udesc.br)

# Admirável Teatro Novo

## O uso de aparatos tecnológicos e a cena

Por Vicente Concilio

Ainda há vozes que reclamam da presença de elementos tecnológicos em cena, mas desde as origens do teatro ocidental, na Grécia Clássica, há registros da utilização de aparatos tecnológicos pelo teatro. Eles criaram o termo *deus ex-machina*, que significa “deus surgido da máquina”, para denominar a entrada em cena de um ator transportado por um guindaste, representando a figura de um ser divino cuja intervenção resolvia todos os conflitos de um espetáculo. Esse guindaste já pretendia provocar um espanto nos espectadores, quando eles tomavam consciência de que o espetáculo teatral pode comportar efeitos nem sempre previsíveis.

Assim, com a chegada da energia elétrica aos edifícios teatrais e a popularização dos efeitos promovidos pela iluminação cênica a partir do início do século XX e, mais recentemente, com o uso de vídeos e das interfaces entre cena e linguagem cinematográfica, criou-se uma ampliação das possibilidades cênicas. Hoje, a finitude do espaço no qual o evento teatral acontece pode ser contornada. O evento teatral ganha amplitude e a ação poética do espetáculo é menos delimitada.

Surgem também novas interações entre os artistas da cena e os recursos tecnológicos disponíveis, instigando outras formas de teatralidade que exploram a estética do documentário, que esgarçam os limites entre realidade e ficção ou buscam ampliar a interação entre o palco e a audiência. Nesse sentido, o teatro de nossa época se apropria daquilo que a ciência produziu e é acessível à criação artística, incorporando o aparato tecnológico à cena a fim de ativar outras formas de compreensão da linguagem cênica e, com isso, aprofundando a análise poética das relações humanas, cada vez mais mediadas pelos espaços virtuais e por aparelhos. Se por um lado a tecnologia pode, eventualmente, inibir formas de expressão, por outro lado, ela estimula percepções e o espectador tem seus sentidos aguçados através do aumento de intensidade de sons, cores e formas. O teatro contemporâneo não pretende temer os Frankenstein que ele pode produzir. ■

---

Vicente Concilio é ator, diretor e professor do Departamento de Artes Cênicas da UDESC.



Espetáculo 1A (UMA), de Monica Siedler e Roberto Freitas. Foto: Cleide de Oliveira.



Paulo Vasilescu como Zuleika. Foto: Cristiano Prim.

Formado pela UDESC, Vasilescu há pelo menos dez anos vem interpretando a consagrada personagem Zuleika Zimbábue. Irrequieto como é, ele também atua como produtor de festas e DJ, entre outras atividades.

### 1. Qual foi o momento em que você teve vontade de se tornar ator?

As minhas brincadeiras de criança sempre envolviam atuação. Comecei a fazer teatro cedo, na escola, em 87 (sou de 74). Em 92, já trabalhava em três companhias profissionais. Me criei em Novo Hamburgo, que já foi a capital nacional do teatro amador no anos 70 e 80. Depois, lá pelos anos 90, os atores que restaram na cidade eram profissionais. Então, peguei essa boa fase e nunca mais parei, entrando no CEART em 95.

### 2. Por que entrou em um curso superior de Artes Cênicas?

Na época já trabalhava profissionalmente com teatro. Fazia, no RS, em média três apresentações diárias por todo estado, em escolas, com uma Cia de teatro

# Paulo Vasilescu

Por Leonardo Lima, do Núcleo de Comunicação

infantil. Já tinha saído de casa, me sustentava com o teatro, sabia o que queria, já sabia desde cedo, que essa era a minha profissão.

### 3. Como você avalia a graduação no CEART?

No meu tempo, 95-99, faltavam docentes em determinadas áreas; o que fez a gente ser cobaia de alguns professores menos experientes. Ao passo que, em outras áreas, desde sempre houve bons profissionais. Acho que um curso superior não é uma totalidade, você seleciona o que te interessa mais, onde você pode tirar mais proveito. Na época em que cursei cênicas havia um problema. O curso era de licenciatura e a maioria dos alunos tinha interesse no bacharelado. Mas, destaco que as aulas de evolução do teatro, as encenações e montagens são o que trago de melhor da minha experiência acadêmica.

### 4. Sendo de Porto Alegre, chegou a participar da cena teatral da capital gaúcha?

Novo Hamburgo é área metropolitana de Porto Alegre então, consequentemente, atuávamos na capital



também. O Rio Grande do Sul tem essa coisa boa, o hábito. As pessoas buscam o teatro, e não só na capital. Várias cidades têm uma movimentação teatral própria e fazíamos teatro pelo estado inteiro. Moro em Floripa desde 95, quando já tinha passado na primeira etapa na UFRGS, as provas de interpretação, mas num “surto ripongo” resolvi fazer o curso em Florianópolis.

## **5. No início, você conseguia sobreviver apenas do teatro? Hoje, você também produz festas alternativas na cidade. Quais são suas frentes de atuação?**

Dei aulas de interpretação e língua inglesa durante seis anos e também fazia pizzas, uma experiência que trouxe da Austrália após morar lá por oito meses e trabalhar num restaurante italiano.

Também produzo festas e eventos por causa dos trabalhos que envolvem a Zuleika. Comecei a criar eventos para ela atuar na noite e, para completar o quadro de atrações, dei início à discotecagem também. Daí foi criar gosto pela coisa, ter reconhecimento e acertar a mão no trabalho que não parei mais. Aprendi a trabalhar como produtor e DJ na prática, mas não me considero nem um produtor, nem um DJ profissional. Sou um ator profissional.

## **6. Quem é a Zuleika e há quanto tempo ela te acompanha.**

Zuleika existe há 10 anos e nasceu em uma performance que eu fazia com o Renato Turnes. Era um improviso que envolvia violência em cena com, basicamente, duas “drags” que se engalfinhavam no palco. Zuleika Zimbábue era a brega que antagonizava Celine Houston, a fina.

De lá pra cá, estabeleci com a personagem outros níveis de atuação: ela deixou de ser uma “drag” para se assemelhar a figuras mais grotescas, andróginas, a ideia do estranhamento, do “queer” e do “crossdressing”. Sofisticou-se também em termos de conteúdo, com uma dramaturgia própria, oriunda da postura de cronista, fazendo a crítica do mundo em que vive.

A Zuleika vive no nosso mundo e comenta os fatos diários, não é uma personagem presa a um texto. Por isso mesmo penso que o processo de criação, desenvolvimento e sofisticação da personagem, se deu no dia a dia, nos desafios que eu impunha para a personagem; ora numa banda de rock, ora de volta aos palcos, sempre com textos próprios; mesclando música, humor e crítica, três grandezas norteadoras do trabalho com a Zuleika.

## **7. Qual é a reação das pessoas quando encontram a “Zuleika” na balada, sem apetrechos e apresentando-se como Paulo?**

Isso é engraçado porque, de fato, a Zuleika acabou se tornando uma personagem que atua no mundo real. Que está presente no cotidiano das pessoas, em diferentes lugares e situações. A Zuleika é muito mais famosa que o Paulo. As pessoas gritam pra me cumprimentar no meio da rua: “e ai Zuleika?!” O meu perfil do Facebook e do Twitter é da Zuleika, e não do Paulo. Nos tempos de Orkut, tinha um profile pra cada, era muita coisa e eu ficava vendo o Paulo sucumbir perante a Zuleika!

Bom, existe de fato uma extensão minha na personagem, uma relação muito íntima e pouco ortodoxa entre ator e personagem. Isso não faz da Zuleika uma terapia, nem uma válvula de escape para

mim, mas é bem claro que a minha relação com a personagem é diferente daquela que eu teria se fosse fazer Hamlet, por exemplo. As pessoas percebem isso também, quando estou na balada – de Paulo – continuo sendo a Zuleika pra muita gente e, de certa forma, ainda sou mesmo.

### **8. Você tem mais personagens? Fale sobre o seu processo de composição.**

Não tenho um processo específico de composição. A Zuleika mesmo, o trabalho, o mercado, as perspectivas profissionais é que norteiam os processos. Trabalho mais com projetos. O projeto da banda Zuleika e os Confirmados foi um processo, o Paraíba Woman, teatro de Revista escrito pelo Emílio Pagotto, foi outro processo distinto, os shows semanais no Blues Velvet são outro processo e por aí vai.

### **9. Atuar, interpretar e produzir em um ritmo exaustivo e quase sempre no turno noturno. Quais são as crises de Paulo e Zuleika?**

Cansativo é, mas eu adoro a noite, prefiro mil vezes trabalhar à noite do que de dia, mesmo quando estou em casa, trabalhando no computador e ensaiando.

A crise real, que já começo a resolver, é em relação à produção. Não tem como organizar um trabalho profissional sem um produtor que trabalhe com você; tanto nas produções do dia a dia, quanto na elaboração de projetos para editais, leis de incentivo, sem os quais não se vive. A Zuleika tem vivido sem nenhum apoio institucional. Chegou a hora, não dá mais. Pouquíssimas pessoas dão conta de se produzir e ainda atuar. Eu não sou uma delas, então preciso de parceiros

profissionais e eles, felizmente, estão aparecendo.

### **10. Você tem contato com outras capitais expoentes no meio cultural? Pensa sair de Florianópolis em longo/curto prazo?**

Tenho contatos sim, sobretudo no Sudeste. A Zuleika já esteve em Curitiba, Porto Alegre, Criciúma, Blumenau, já passeou bastante pelo sul. Com o espetáculo ao lado do pianista Diogo de Haro, “Tudo isso é muito bonito mas, realmente, NÃO HÁ NADA COMO UM GAUGUIN”, há perspectivas pra viajar bastante.

Estou elaborando um projeto de circulação nacional que envolve três dos principais trabalhos nos quais a Zuleika atua atualmente, o “...GAUGUIN”, o La Gongga – uma espécie de programa de auditório musical – e um projeto “live” de música eletrônica, com o produtor musical Ledgroove. Hoje, não é preciso sair de lugar nenhum para levar trabalhos a grandes centros e é possível leva-los para outros lugares, independentemente de onde se more. Mas, tenho espírito cigano, acho que daqui um tempo vou querer provar novas cidades.

### **11. Quais são os planos de Paulo Vasilescu?**

Os de sempre, meu caro Pink, dominar o mundo! Os planos são os que estão em execução agora, como o “...GAUGUIN”, o novo programa da Zuleika na net, o PADCAST, a volta do La Gongga, um filme ali, um novo espetáculo lá, um projeto com a Zuleika em HQ. Um ator brasileiro que não tem um plano ou um projeto na manga tá ferrado! ■

## fica a dica



Foto: Divulgação

### Floripa Teatro - Festival Isnard Azevedo

Fortalecendo a cena teatral catarinense com espetáculos de qualidade e contribuindo para a formação de plateia, o Floripa Teatro ocorre anualmente e é promovido pela FUNDAÇÃO CULTURAL DE FLORIANÓPOLIS FRANKLIN CASCAES.

Veja detalhes da edição deste ano em <http://portal.pmf.sc.gov.br/entidades/franklincascaes/>



### Teatro, música e artes visuais produzido com humor

Com a intenção de abranger o que se produz "com graça" em Santa Catarina, o Portal do Humor abrange várias frentes: teatro, música, cinema, web séries, e artes visuais. Criado pelos atores, comediantes e top models, Daniel Olivetto, Graziela Meyer, Malcon Bauer e Milena Moraes, o portal é para todos que compartilham do mau gosto pela comédia.

Confira em <http://humorcatarina.blogspot.com/>



Foto: http://sxc.hu

### A gente quer comida, diversão e arte

Boa notícia para quem frequenta concertos, teatros e galerias de arte. De acordo com estudo norueguês sobre saúde e qualidade de vida, quem vai a eventos culturais é mais saudável.

*Participantes do estudo, que frequentavam eventos culturais, esportivos e religiosos, se mostraram mais saudáveis e satisfeitos com a vida do que os menos engajados em tais atividades. "Aqueles que se engajaram em alguma das atividades, como espectadores ou participantes, apresentam níveis mais baixos de depressão e ansiedade", disse Koenraad Cuyper, pesquisador da Universidade de Ciência e Tecnologia da Noruega e autor do estudo.*

\* Trechos do artigo de Randy Dotinga, veiculado em 25/05/2011 no do The New York Times.



Foto: Acervo Itaú Cultural

Sandro Polloni, s.d.  
Acervo Idart/Centro Cultural  
São Paulo. Registro fotográfico  
autoria desconhecida.

### 60 anos de teatro na Enciclopédia Itaú Cultural

A Enciclopédia Itaú Cultural de Teatro é uma obra de referência virtual inicialmente dedicada às atividades do teatro nos Estados do RJ e de SP, de 1938 a 2008. A partir de 2009 agrega, também, informações de MG, PE, e RS. A enciclopédia possibilita a consulta a dados resumidos sobre aproximadamente 15.000 personalidades e cerca de 8.000 espetáculos.

Confira em: [http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_teatro/index.cfm](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_teatro/index.cfm)



**Socorro, do Ronda Grupo. Direção de Zilá Muniz.**

Foto: Camila Ribeiro.





**Ensaio de BadenBaden. Direção de Vicente Concílio.**

Foto: Evandro Luis Teixeira.



**Retrato de Augustine. Direção de Brígida Miranda.**

Foto: Julia Oliveira.



**Livres e Iguais, do Teatro sim ... por que não?!. Direção de Júlio Maurício, Nazareno Pereira e Nini Beltrame.**

Foto: Ron Lima.



Registro feito no Centro de Artes da UDESC.  
Foto: Leonardo Lima.

## Falando em arte

Onde termina a liberdade de expressão?

Por Jocielle Lampert

**Arte. Qual é o limite? Como se expressar, sem ferir susceptibilidades? A preocupação em ser “politicamente correto” põe em risco a liberdade de expressão?** Estas questões me fizeram lembrar duas situações: a primeira do estudante de Artes que colocou várias caixas pretas com a inscrição ‘fogo’ no metrô central da cidade de Nova York e acabou sendo preso, fez polêmica, claro que não foi um ato artístico anunciado, mas acabou tirando nota dez no trabalho do Curso de Artes; Outro caso, do estudante que ‘pichou’ o prédio da Faculdade de Belas Artes, que virou caso de polícia e acabou sendo expulso da Faculdade e provocou um estrondo merecido sobre o vazio da Bienal de SP na época.

Estudando a cultura visual entendi que todo o fazer artístico também possui dimensões políticas, pedagógicas e discursivas, assim, entender o que o artista produz ou evidencia como Arte, ou pensar o que é um artista hoje, me faz refletir sobre as mudanças de tempos e espaços que vivenciamos na Arte atualmente. Daí, pensar, onde termina ou começa a liberdade de expressão? Bem, sempre gosto de pensar que a criação ou a criatividade não tem limite certo, porém, é claro que há um dado momento de instauração destes gestos e

ações criativas que incidem sobre normas, regras e claro, o bom senso, ou até mesmo a ética.

Vemos crescer um discurso muito forte na pesquisa *em Arte e sobre Arte* que salienta a existência do *Outro*. Bem, isso muitas vezes é especulação, porque citar o *Outro* virou quase moda porque é politicamente correto talvez, mas, o *Outro* muitas vezes não quer o mesmo que nós, o *Outro* tem interesses dispares também, seja o *Outro* uma Instituição ou um Indivíduo, por isso, aprecio muito o tom de respeito ao *Outro*, ou seja, notas que saia do discurso ou do simulacro, mas que de fato possam invadir a vida do *Outro* e o faça questionar-se sem ser desrespeitado de forma ética – isso talvez imponha um limite ou regras, normatizações e aí se tem uma discussão peculiar ao tempo e espaço da Arte. Espaços de legitimação ou de procura de legitimação, ou espaços e tempos que provocam um pensamento sobre afinal, ‘onde está a Arte’?!

Quando um artista expõe seu trabalho em meios legitimados, há sempre uma Instituição ou Lugar que define a existência do trabalho como Arte. Gil Vicente expos seus desenhos em uma Bienal de Arte, são peças artísticas, fruto de uma intenção com dimensões desdobradas em questões políticas, pedagógicas e discursivas. As pessoas que percorrem Bienais sabem o que encontrarão lá: Arte (não se entra no mérito de boa ou ruim), mas lá é um espaço legitimado e constituído historicamente, pode ser questionado, mas lá tudo pertence a um Circuito. Há também outros Sistemas ‘periféricos’ quando falamos em Arte, talvez não tão legitimados, nem tão opulentos, mas Sistemas que dizem respeito à Arte Pública, ou ainda Arte Colaborativa, projetos e ações de colaboração ou rede que provocam ativismos artísticos (também com dimensões políticas, pedagógicas e discursivas), meios recentes e legitimados por projetos geralmente,

(veja bem, não falo de ação social, falo de ações artísticas com fins para conteúdo de Arte que incidem sobre Contextos estudados que apontam para responsabilidades sim).

Na Universidade temos um espaço legitimado pelo processo artístico, o que fazemos é construir experiências, vivências estéticas e buscar formas de produzir sentido por meio de pesquisas *em Arte e sobre Arte*, isto em meio a normatizações do espaço – e não cabe aqui dizer se normatizações são boas ou más, mas sim que existem e são impostas por indivíduos ou meios que as legitimam também. Ah, e se as regras e normas não são boas, são questionáveis e passíveis de serem alteradas, desde que tenham propostas fundamentadas ou inseridas pelo meio legítimo – falo de participação de representantes em Conselhos, Comitês e Comissões. Afinal, ensinamos uma reflexão crítica acima de tudo, pautada no diálogo e em premissas sobre a coerência. Isto me lembrou a ocasião em que um colega de profissão usou bem uma metáfora: *‘podemos ensinar a quebrar ovos, a fazer omeletes, mas não podemos obrigar a quem não come omelete, a comer omelete porque pensamos que ele faz bem para todos’* – por isso, talvez seja salutar antes, ou em meio ao processo artístico, pensarmos o que queremos com a Arte, afinal, o objetivo não deve (penso eu) ser ferir e sim evidenciar, mostrar, provocar ou questionar...

Por fim, penso que não há padrões para definir a Arte. Ao mesmo tempo em que o artista é um sujeito/ indivíduo que deverá ser inventivo, transgressor, aquele que perpassa ou deambula o que é óbvio para a maioria, mas claro, ele não vive no mundo sozinho. ■

---

Jociele Lampert é doutora em Artes Visuais, professora adjunta do Departamento de Artes Visuais do CEART/UDESC





Exposição no Museu Hassis. Foto: Denilson Antonio.

# Leandro Serpa

Em TCC, Serpa une futebol e artes visuais

Por Natália Izidoro, do Núcleo  
de Comunicação do CEART

Lances de relevantes partidas de futebol são a matéria-prima para Leandro Serpa, formando do curso de bacharelado em Artes Plásticas da UDESC, realizar um TCC – Trabalho de Conclusão de Curso – bastante original. Reconstituindo as jogadas, Serpa cria gráficos e constrói sua poética por meio do desenho e da gravura.

Segundo a orientadora do TCC, a professora Jocielle Lampert, o trabalho é coeso, denso e forte. “Seu processo artístico é maduro e muito consciente, misturando diferentes mídias, em meio à palavra/imagem”. Ao longo do processo, Leandro envolveu-se como poucos. “Ele aprofundou pesquisas com materiais, intensificou os estudos de desenho e criou seu próprio campo expandido em artes visuais no meio da Gravura, inovando em metodologias poéticas para a criação em Arte”.

## 1. Como surgiu a ideia de explorar o tema relacionado a futebol?

Foi em 2008, a partir de pesquisas sobre artistas como o Marcel Duchamp, um jogador de xadrez que aplicava o procedimento mental do jogo na sua produção artística. Nesta ocasião, passei a enxergar o “mundo do futebol” sob uma ótica diferente. Desde então, trabalho a relação arte e jogo através de uma lógica de inversão que ora trabalha com a estrutura própria da arte: os artistas e a História da Arte, ora discute a arte a partir das estruturas e mecanismos próprios do futebol. O futebol é uma paixão de infância. Meu bisavô possui um clube de futebol e eu fui, e estou sendo, um atleta esforçado. O que fiz foi inverter o jogo e trabalhar o futebol na dimensão da arte, refletindo e questionando o fanatismo e a contemporaneidade em si.



Foto: Denilson Antonio

## 2. Onde você tem feito as suas pesquisas?

Atualmente pesquiso os arquivos da RBS/TV, emissora de TV de Florianópolis, onde faço os registros gráficos das partidas de futebol de diferentes períodos do futebol catarinense. Tenho acesso a partidas da década de 1990 e da última década.

## 3. O resultado dos gráficos têm lhe surpreendido? Os desenhos obtidos são sempre muito diferentes um do outro ou há lances, e consequentemente resultados, semelhantes?

O futebol das últimas duas décadas apresenta um panorama fortemente influenciado pela parte física. Hoje o jogo acontece em um nível mais intenso, ocasionando partidas com um volume gráfico de registro maior do que uma partida da década de 1950, por exemplo. A estrutura tática foi pouco alterada nas últimas décadas. O futebol é sempre uma surpresa. Por mais que partidas tenham o mesmo placar final, há sempre como resultado um gráfico de movimentação peculiar e diferente. O jogo de futebol possui um elemento lúdico que agrega aquilo que costuma

se chamar “Clima” (que envolve torcida, imprensa, temperatura ambiente, fórmula de disputa), que parece infinito. O jogo é uma variação eterna sobre uma mesma estrutura elementar. Um jogo nunca termina.

## 4. É possível distinguir o estilo de jogar futebol entre diferentes épocas?

Poderia dizer que cada atleta é um desenho no espaço. Há atletas que possuem uma dimensão particular. Controlam o tempo, subvertem a gravidade e se apropriam do espaço. O futebol está profundamente enraizado na dimensão de sua época, sendo pertencente à realidade técnica e científica e a todas as mentalidades inscritas na cultura humana. O futebol da década de 1960 possui um caráter lúdico peculiar. Garrincha não jogava: ele brincava. Para ele, entortar zagueiros, chegar à linha de fundo e cruzar era uma brincadeira. Para Ronaldo “Fenômeno”, o jogo era a velocidade e a eficiência. No auge da forma, ele atravessava 60 metros do gramado em 10 segundos driblando adversários em velocidade. As diferenças estão profundamente relacionadas às transformações

da cultura, que é o que dá forma ao jogo. Ronaldo Fenômeno não aconteceria em 1960, assim como Garrincha não jogaria a Copa de 2006.

### **5. O projeto Fanáticos, de sua autoria, trabalha com símbolos e cores relacionados ao futebol. Como interpreta a paixão por futebol por parte dos torcedores?**

A partir da experiência no futebol percebi que a cor é um elemento de fundamental importância para o torcedor, possui um caráter de identificação. Avaianos e Figueirenses se conhecem e se distinguem pela cor. O escudo é um alicerce da cor e suas origens remontam provavelmente à Idade Média. Neste trabalho, discuto diretamente o Fanatismo que possui uma demarcação no futebol que se expande à cultura. A estrutura básica são as inversões dos clássicos regionais. Lembro também que as rivalidades observadas no futebol são anteriores à formalização do próprio futebol moderno. Uma partida entre Corinthians e Palmeiras carrega em seu DNA os genes de formalização que se remetem à formação do Brasil. Um jogo costuma ser carregado de elementos religiosos, conflito de elites locais, disparidades socioculturais, e assim por diante. O projeto Fanáticos se coloca de modo humorado nessa área de tensão e toca justamente num elemento de paixão fundamental para o torcedor fanático: a cor de seu time, seu elemento de distinção.

### **6. Qual tem sido a reação das pessoas quando lhe perguntam sobre o que é o seu TCC?**

Leandro: Realmente essa pesquisa causa certo estranhamento no meio acadêmico, pois não possuem muitas pesquisas a esse respeito. No entanto, me agrada a comunicabilidade desse projeto, que possui um potencial de dimensão artística importante e que estabelece um contato direto com os torcedores de futebol. Certa vez, disseram-me: “Você vai apanhar na rua com essas inversões”. Outros afirmam se tratar de uma grande idéia, uma “grande jogada”, dita nos termos do futebol. ■

## **Para conhecer o trabalho**

Visite:

<http://1copadaartevisual2010.blogspot.com/>

<http://diariodacopa2010leandroserpa.blogspot.com>

<http://fanaticos-leandroserpa.blogspot.com>

<http://pensamentovisual-leandroserpa.blogspot.com>

## fica a dica



### Sites interessantes relacionados à arte:

<http://www.fluxus-plus.de/>  
<http://imagesanalyses.univ-paris1.fr/semiotique.html>  
<http://www.museothyssen.org>  
<http://www.allianceforarts.org/whatis.html>  
<http://www.guggenheim.org/>  
<http://www.louvre.fr/>  
<http://www.moma.org/>  
<http://www.masp.art.br/>

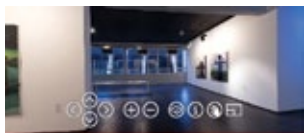


Imagem utilizada no Seminário de Leitura de Imagem para a Educação: Múltiplas Mídias. Fotos de autoria de Maria Helena Barbosa, mestre pelo PPGAV

### Leia imagens através de textos visuais

O Seminário Leitura de Imagem para a Educação visa tornar público trabalhos produzidos em diversas instituições, suscitando o debate em torno deles.

O site do GPAE (<http://www.gpae.ceart.udesc.br/>) dispõe dos trabalhos apresentados.



MASC virtual - Fonte: <http://masc.org.br/>

### Passeie no MASC sem sair do lugar

O *Projeto MASC Virtual* é uma proposta de desenvolvimento do portal oficial do Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), com áreas interativas e animadas que simulam uma visita real ao acervo do

museu. O projeto é de autoria do Web designer Rafael Gonzaga Lopes, contemplado pelo Edital Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura, e apoiado pela Alquimídia.org.

### Saiba mais sobre o Museu Victor Meirelles

O Museu Victor Meirelles, inaugurado em 1952 na casa onde nasceu o artista, possui duas coleções em seu acervo: a coleção Victor Meirelles, formada por obras de autoria do artista, de seus professores e alunos; e a Coleção XX e XXI, composta por trabalhos de artistas modernos e contemporâneos oriundos de doações. O espaço também realiza exposições temporárias. O cronograma anual inclui quatro exposições selecionadas por edital público e duas curadorias com artistas convidados.

#### Endereço

Rua Victor Meirelles, 59  
 88010-440 - Florianópolis - SC  
 Telefone: (48) 3222-0692



**Alfinetes - instalação com alfinetes e ímãs elaborada. Por Giorgio Filomeno, graduando do curso de Artes Plásticas da UDESC.**

Foto produzida e cedida pelo artista.





**Autorretrato – fotografia com dupla exposição. Por Lilian Barbon, artista visual, fotógrafa, iluminadora cênica e mestranda em Artes Visuais da UDESC. Foto produzida e cedida pela artista.**



**Brincadeira - trabalho feito com arame fino e plástico bolha. Por Silvia Carvalho, artista plástica formada pela UDESC.**

Foto: Paulo Cesar F. Soares.



Detalhe da obra "Pedaços de Cada Outro da série Cartografias Afetivas". Por Juliana Crispe, mestre em Artes Visuais pela UDESC e professora colaboradora da mesma instituição. Foto produzida e cedida pela artista.





Revista Toque, projeto dos acadêmicos de design Adriana Villa Real Santos e Guilherme Rutkoski Pacheco. Fonte: arquivo pessoal dos autores.

# A função social do design

Por Anelise Zimmermann / Gabriela Botelho Mager / Murilo Scóz

Frequentemente falamos em design quando comentamos sobre valores de marca, produtos “da moda” e, conseqüentemente, efêmeros. O termo “design” é, inclusive, muitas vezes associado ao consumo desenfreado, acusado de ser o vilão, o responsável por “maquiar” produtos e serviços, estimulando o capitalismo. Sem entrar no mérito da discussão, buscamos aqui chamar a atenção para outra função do design, que muitas vezes passa completamente despercebida por sua pouca divulgação: a sua função social.

O design faz parte do dia a dia da sociedade, facilitando tarefas, possibilitando a comunicação entre pessoas e serviços, contribuindo no acesso a informações, auxiliando no transporte e locomoção de pessoas, bem como no armazenamento, conservação e utilização de diversos produtos indispensáveis ao nosso cotidiano, como por exemplo, alimentos, artigos de higiene e medicamentos. Além disso, o design também está presente no desenvolvimento de utensílios e equipamentos médicos e hospitalares, entre tantos outros produtos.

Atualmente o design está também vinculado à função social. Mais do que nunca, há a preocupação com a sustentabilidade. Assim, por meio do design, é possível desenvolver embalagens que, além de atraentes e funcionais, conservam os produtos e reduzem a

utilização de matérias primas, ajudando a preservar o meio ambiente. Para tanto, muitos designers têm investido em pesquisas de novos materiais com menor impacto ambiental e formas de adequação, reutilização e reciclagem de materiais já existentes.

Um bom exemplo de aplicação do design com importante função social e que atende a milhares de pessoas todos os dias é encontrado no sistema de transporte público de Londres, considerado uma referência mundial. O projeto de design, neste caso, vai desde a tipografia utilizada nos letreiros indicadores de destino dos ônibus, até o sistema de sinalização, projetos internos e de acesso.

No caso da fonte utilizada pelo sistema de transporte londrino, a Johnston, esta foi encomendada ao tipógrafo Edward Johnston em 1915 especificamente para tal uso, devendo considerar e garantir a sua boa legibilidade à distância, evitando-se semelhanças entre letras e algarismos que pudessem prejudicar a leitura e levar o usuário a qualquer equívoco.

ABCDEF GHIJ KLMN  
OPQR STUV WXYZ  
abc def gh ijk lmn opq  
rst uvw xyz 123456  
7890 (& £ , ; , ! ? - \* " ' )

Fonte New Johnston. Fonte: <http://tipografos.net/>

Os ônibus são equipados com rampas e elevadores de acesso e o design interno destes veículos permite uma boa acomodação dos passageiros. Além disso, o projeto prevê a utilização do meio de transporte por pessoas portadoras de necessidades especiais como



Fontes: 1. Foto: Anelise Zimmermann. 2. Mapa do metrô - Fonte: <http://tfl.gov.uk> (disponível para download). 3. <http://www.freefoto.com>. 4. <http://news.coachbroker.co.uk/related-tags/london-buses-with-disabled-access/>. 5. <http://www.freefoto.com>.

usuários com cadeiras de rodas ou acompanhadas de cães guia. Há, ainda, a preocupação em atender idosos e usuários que estejam carregando compras, bicicletas, carrinhos de bebês. O projeto, enfim, busca satisfazer as necessidades dos públicos mais diversos.



Um exemplo de projeto com este caráter desenvolvido pelos alunos Adriana Villa Real Santos e Guilherme Rutkoski Pacheco, acadêmicos do Curso de Design do Centro de Artes da UDESC é o projeto editorial da Revista Toque, uma revista destinada aos adolescentes portadores de insuficiência visual e com baixa visão e também para não portadores de deficiência visual. O projeto buscou a integração dos diferentes tipos de leitores, necessidade identificada a partir das entrevistas com os adolescentes da Associação Catarinense para a Integração do Cego (ACIC):

“Queremos uma revista que possa ser lida também por nossos irmãos e amigos. Uma revista que seja bonita, colorida.”

Buscou-se também, em todos os aspectos do projeto gráfico, contribuir para um fácil manuseio e autonomia na utilização e boa leitura da revista.



Revista Toque. Fotos: arquivo pessoal dos autores.

Também dentro da mesma linha está o projeto “Flint” desenvolvido durante a disciplina de Prática Projetual III na 5ª fase do curso de Design Industrial e realizado pelos acadêmicos Altino Alexandre Cordeiro Neto, André Leonardo Ramos e Marcos Furuya.

Tendo em vista o estímulo da marcha em pessoas com paralisia cerebral, paraplegia, entre outros; o projeto “Flint” teve como objetivo a concepção de um produto para simulação de caminhada de uso ao ar livre, sem a utilização de motores.



Projeto Flint. Imagem produzida pelos acadêmicos Altino Alexandre Cordeiro Neto, André Leonardo Ramos e Marcos Furuya.

Conhecendo um pouco mais sobre as atribuições do design e suas diferentes aplicações, é possível perceber a sua importância e reconhecer que – longe de ser supérfluo – ele é indispensável em nossas vidas e vem tornando o nosso dia a dia cada vez melhor. ■

## Pensamento sustentável e design inteligente.



As embalagens de refil dos sabonetes Erva Doce, da Natura, projetados pela Tátil - Design de Ideias, foram desenvolvidas pensando-se na utilização do “plástico verde”, material produzido a partir da cana-de-açúcar, fonte vegetal renovável.

Fonte: <http://www.abstratil.com.br/en/2010/novos-refis-natura-ecoinovacao-traduzida-em-design/>



Desenvolvido pelo acadêmico Jean-Guillaume Blais' no Curso de Design do Politécnico de Milão, vencedor do prêmio Young Package 2008 realizado na República Tcheca. Além do uso de poucos recursos material, também oferece uma utilização pós compra.

Fonte: [http://www.packagingdesignarchive.org/archive/pack\\_details/1706-tie-wrap](http://www.packagingdesignarchive.org/archive/pack_details/1706-tie-wrap)



Foto: <http://sxc.hu>.

## Mestrado em Design na UDESC

Pós é pioneira, no Brasil, na área de ergonomia em design

Por Leonardo Lima, do Núcleo de Comunicação do CEART

O Programa de Pós-Graduação em Design – stricto sensu – da UDESC, é o único do país especializado em Fatores Humanos (Ergonomia). De acordo com a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), há necessidade de sedimentação da ergonomia na formação de pesquisadores de alto nível no país. De acordo com o coordenador do PPGDesign, Prof. Alexandre Amorim dos Reis, o curso pretende propiciar aprofundamento científico nesta área específica de atuação no Design.

“Métodos para os Fatores Humanos” ou Ergonomia? Embora não existam distinções marcantes entre as duas correntes, a Ergonomia é mais reconhecida pelo

estudo do desempenho humano diante das interações físicas no trabalho, já Fatores Humanos é uma área mais abrangente a todo e qualquer tipo de interação humana com o ambiente artificialmente construído.

De acordo com Reis, o Design é uma atividade antropocêntrica, tem o bem estar do ser humano em relação a seu ambiente como fundamento. “Sua atuação objetiva intermediar as aspirações e necessidades humanas junto aos setores produtivos, essencialmente os de produção em escala. Compreender adequadamente a interação humana com os artefatos contribui para o desenvolvimento de interfaces mais inteligentes, econômicas e produtivas

à sociedade como um todo. Estes aspectos são primordiais para a satisfação de requisitos de qualidade e eficiência em produtos e serviços”, observa o professor.

O curso possui duas linhas de pesquisa: Interfaces e Interações Comunicacionais e Interfaces e Interações Físicas. Segundo Alexandre Reis, essas frentes de pesquisa “Buscam a adequação, aperfeiçoamento e proposição de métodos e ferramentas para o aprimoramento das relações entre produtos e usuários, especialmente no campo dos estímulos sensoriais, percepções e ações físicas”.

Para o primeiro semestre de atividade, a partir de agosto de 2011, o mestrado prevê as disciplinas obrigatórias de Procedimentos Metodológicos de Pesquisa e Estatística; além das eletivas Conforto térmico e acústico; Design, Método e Fatores Humanos; Comunicação em Design e Tecnologias Assistivas. Para a integralização do curso, além de cinco disciplinas obrigatórias, o mestrando terá a sua disposição um total de 13 cadeiras eletivas, das quais deverá cursar ao menos três, cumprindo o total de 24 créditos - incluídos os seis relativos à dissertação de mestrado.

## O PPGDesign da UDESC tem por missão contribuir à formação de pesquisadores e reduzir a carência de acadêmicos adequadamente qualificados

Cerca de dez alunos compõem a primeira turma do PPGDesign e o quadro de professores do Programa será recredenciado anualmente, segundo critérios rígidos de vinculação à Área de Concentração do Programa e produtividade acadêmica. Reis destaca que “a meta do Programa é a consolidação de uma Pós-Graduação de excelência e referência nacional. O Programa procurará manter um corpo docente reduzido, porém muito produtivo. Esta característica é muito importante para as positivas avaliações trienais a que todos os Programas são submetidos perante a CAPES”, diz o professor.

O coordenador do PPGDesign lembra, ainda, que o Design como formação especializada em nível superior é ainda recente “sua criação não possui cem anos, embora possamos caracterizar a prática do design como uma manifestação da inteligência humana, verificada pela sua produção material desde os primórdios da humanidade”. Segundo Reis o PPGDesign da UDESC tem por missão contribuir para a formação de pesquisadores em alto nível neste campo e reduzir a carência de acadêmicos adequadamente qualificados. ■



Elisa Baasch de Souza. Foto: Rodrigo Kormann.

# Uma catarinense na Vancouver Film School

Entrevista com Elisa Baasch de Souza

Por Leonardo Lima

Elisa Baasch de Souza tem 21 anos, é natural de Florianópolis mas palhocense de criação. Recém graduada no curso de Design Gráfico do CEART, sempre gostou de desenhos animados e aos 10 anos já concebia roteiros para seus programas televisivos imaginários. Recentemente, a graduada conseguiu uma bolsa parcial para uma das cinco instituições de maior prestígio em animação e computação gráfica do mundo: a Vancouver Film School, situada na cidade de British Columbia, Canadá.

Confira abaixo a entrevista concedida a revista Hall Ceart.

## 1. Por que você optou pelo curso de design? Com qual idade você teve consciência da profissão e se identificou com as práticas?

Desde pequena, já tinha a inclinação de seguir por áreas artísticas, mas também por áreas do design. Até os 10 anos de idade, depois de pequenos surtos de querer trabalhar na NASA, queria era ser desenhista/

artista plástica. Com 11 anos eu já havia desenvolvido uma paixão por animações 3D e falava com toda convicção que meu sonho era trabalhar na PIXAR. Consciência mesmo da profissão de designer só fui obter durante o curso, lá pelo meio dele.

Quando optei pelo curso de design gráfico eu não tinha muito conhecimento sobre o que era a profissão. Design gráfico me pareceu ser a opção onde eu poderia utilizar minhas habilidades criativas/artísticas de forma comercial, pois se fosse escolher pelas matérias, acho que teria feito Artes Visuais. E se, naquela época, já existisse o curso de Design de Animação, com certeza teria escolhido este, sem hesitar.

## 2. Você sempre recebeu apoio da família quanto a sua graduação?

Minha família sempre me apoiou durante a graduação, mas, por mais que eu tenha tentado explicar o que um designer gráfico faz, eles ainda não entendem muito bem. Após eu me formar acho que eles mudaram de



ideia, pois o mercado de trabalho é muito cruel em relação a muitas outras profissões, e não é do dia para a noite que um designer vai passar a ganhar bem.

### **3. Quais são as suas referências no Design e em profissionais da área?**

Eu não possuo uma típica referência no Design, admiro muito o trabalho de motion designers, podendo citar Kyle Cooper. Porém, confesso que fico mais de olho é no trabalho de animadores 3D de estúdios como Pixar, DreamWorks, Blue Sky, Sony Pictures Animation, entre outros. Acompanho também cineastas que trabalham com uma estética mais fantasiosa/ousada, como Tim Burton.

### **4. E o processo de elaboração do TCC? Aponte as principais dificuldades e desafios superados.**

Inicialmente, foi muito difícil definir o tema para o meu TCC (Design de Créditos: a elaboração de mensagens audiovisuais) por ser uma área tão ampla. Só sabia que eu queria conectar animação e design, então peguei um tema de Motion Design, pois tem que ter muita paixão pelo objeto estudado para aguentar a elaboração de pesquisas extensas. Apreendi muito sobre créditos durante a pesquisa e a ideia de abordagem foi ficando cada vez mais clara: eu queria introduzir o tópico a pessoas interessadas pela área do audiovisual, com ênfase na elaboração teórica.

A principal dificuldade é sempre o tempo escasso para a realização do TCC. Além do extenso trabalho desenvolvido no Projeto de Graduação, ainda havia as outras matérias da faculdade que infelizmente atrapalhavam demais, é a verdade.

Se eu fosse dar dicas preciosas para quem está desenvolvendo sua pesquisa de Projeto de Graduação eu diria: (1) Apaixone-se pelo seu tema; (2) Organização, estabelecimento de metas e prazos acima de tudo!; (3) Chocolate ajuda; (4) TCC engorda e faz mal à saúde, então se cuide na medida do possível, que depois é difícil voltar ao seu normal.

### **5. Em um mercado de trabalho saturado de profissionais que atuam sem especialização, os chamados “Micareiros”, qual o diferencial de um recém-graduado?**

Um recém-graduado detém uma gama de conhecimento teórico que dificilmente um “micreiro” conseguiria obter sozinho. Nós passamos 4 anos – alguns até mais – fazendo projetos universitários e recebendo críticas construtivas, portanto isso já nos torna mais capacitados. Além do mais, sendo graduado você está mais preparado para o projeto e para o mercado tendo o direito de exigir uma remuneração mais alta que a de um “micreiro”. Acho que “micreiros” não devem assustar nenhum designer, cada um deve saber valorizar seu trabalho e se posicionar no mercado.

### **6. Qual foi a importância em ter se graduado no CEART ?**

Quando prestei vestibular passei para Design Gráfico na UDESC e na UFSC. Optei pela UDESC depois de pesquisar com o pessoal que já estudava nas duas universidades; falaram-me muito bem da UDESC, e também tem a questão da idade do curso. Não me arrependo nem um pouco da escolha, vi que a qualidade do ensino da UDESC é muito alta em

comparação com as demais instituições da região. Uma das coisas que mais gostei da UDESC é que ela favorece o relacionamento entre professor e aluno e, a meu ver, a maioria dos professores tem interesse, de fato, em ensinar o aluno e fazer com que este obtenha o melhor resultado. É difícil e penoso, mas pelo menos os resultados são de alto nível.

Com relação às matérias do curso, tive sorte em pegar ainda o currículo antigo, pois acho que as disciplinas de cunho teórico são de fundamental importância para a formação de um profissional. Por isso deixo a dica ao pessoal do currículo novo: tentem pegar disciplinas extras em outros cursos para complementar sua formação e enxergar determinados assuntos por perspectivas diferentes. Eu fiz duas matérias extras no curso de Artes Visuais, achei muito interessante e relevante.

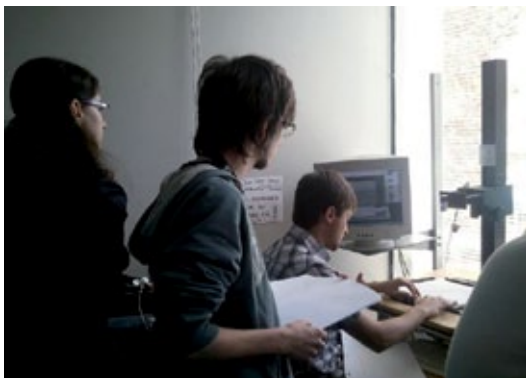
## 7. De que forma ocorreu o processo de obtenção da bolsa? Qual era a sua expectativa para a seleção?

Desde o início da faculdade eu já pesquisava sobre lugares bons para me especializar depois de concluir o curso de design e desde que descobri Vancouver Film School (VFS) me apaixonei pela instituição que, infelizmente, é privada. Eu planejei economizar por mais de 7 anos para poder arcar com os custos,

portanto, Vancouver já estava impregnada em minha mente. Mas, certo dia fui espiar o site deles para ver se tinha alguma novidade e descobri que tinham aberto um processo seletivo para obter bolsas parciais. Isso foi em Março (2011), então rapidamente juntei todos os itens que eles pediam para concorrer à bolsa (documentos, portfolio, respostas de questões discursivas, cartas de referências – que o Walter Neto e a Anelise Zimmermann belissimamente redigiram) e enviei tudo por e-mail, optando pelo curso de 6 meses chamado Digital Character Animation. Nem eu, nem ninguém da minha família estava realmente acreditando que eu fosse conseguir.

Passou um mês (e meu curso começaria em Junho), eu já estava perdendo as esperanças, mas dia 8 de Abril recebi um e-mail dizendo que eu tinha conseguido o valor máximo de bolsa que eles podiam dar! – cerca de 40% de desconto nas mensalidades. Daí começou a loucura, apenas dois meses para providenciar tudo: visto, passagens, moradia, pedir demissão dos meus dois empregos, transferir um freela, mil coisas... e ainda tentar entender o software Maya (3D), que é o que eles usam.

Gostaria de agradecer pela oportunidade da entrevista e a todos da UDESC que me ajudaram durante minha vida universitária. Também queria dizer para cada leitor: nunca desista de seu maior sonho, por mais doloroso que seja o caminho para chegar até ele. ■



À esquerda:  
Trabalho da  
Disciplina de  
Modeling.

À direita: Elisa  
em aula na  
Vancouver Film  
School.

Fotos: arquivo  
pessoal.

## fica a dica

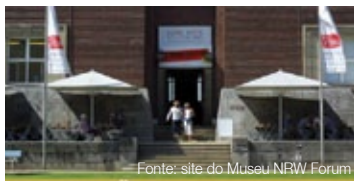


Foto: Camila Meyer

### Inigualável Salão de Milão

Marcos Furuya, acadêmico de Design Industrial, em intercâmbio na Itália, visitou a edição 2011 do Salone Internazionale del Mobile di Milano, a maior feira de móveis do mundo.

Um dos salões que mais chamou atenção de Marcos foi o Salone Satellite, reservado a jovens acadêmicos. “A Feira de Milão é uma experiência única para quem quer seguir a carreira de designer. Lá podemos adquirir repertório e fazer contatos com diversos profissionais da área”.



Fonte: site do Museu NRW Forum

### Se for a Düsseldorf, conheça o Museu NRW Forum

A aluna da 7ª fase do curso de Design Gráfico, Claudia Cristina Merz, realizou recentemente um intercâmbio em design da comunicação na Alemanha e dá a dica: “Vale muito a pena conhecer o Museu NRW Forum que fica em Düsseldorf. As exposições são compostas por interesses mais contemporâneos: crucialmente, aborda Fotografia, mas os temas vão desde Mídias, Moda, Comunicação até Arquitetura, Mobilidade e Lifestyle”.



Foto: Anderson Voltolini

### Gui Bonsiepe no CEART

Gui Bonsiepe, pioneiro em diferentes campos da teoria do design, esteve no CEART em abril de 2011 ministrando uma palestra. Na ocasião, o pesquisador lançou o livro Design, Cultura e Sociedade, no qual, de acordo com um dos fundadores da Associação Brasileira de Ergonomia, Itiro Iida, “apresenta uma inquietante análise sobre a evolução do design ao longo do século XX, registrando seus principais sucessos e descaminhos”.



Foto: Divulgação

### Empresa Jr Inventário alia Design e Moda

A Inventário, primeira empresa júnior brasileira que alia serviços de Design Gráfico, Industrial e de Moda, está em seu terceiro ano de existência e traz um portfólio singular e competitivo. A partir do trabalho voluntário de seus membros, a empresa oferece serviços por menores custos e a receita arrecadada é investida na melhoria da Inventário e na capacitação da equipe. A empresa desenvolve projetos de identidade visual, produtos diversos e coleções de moda, tendo lançado recentemente no CEART a marca Inventário Criações.

Site da Inventário: [www.inventario.org.br](http://www.inventario.org.br)

### Designers formados pelo CEART no Prêmio Michelin

Em sua décima edição, o Michelin Challenge Design 2011 recebeu 970 trabalhos de designers de todas as partes do mundo. Destes, 34 foram selecionados e, entre eles, o projeto do estúdio de Florianópolis 2:1 Design Industrial. O júri técnico do Prêmio contou com nomes como Alfonso Albaisa (Nissan America), Chris Chapman (BMW Group USA) e Geza Loczi (Volvo Concept Center). A agência 2:1 - formada pelos designers Alexandre Turozi (UDESC), Elisa Strobel (UDESC), José Serafim Jr. (UDESC), Rodrigo Krieger (IFSC) e Théo Orosco (IFSC) - elaborou um conceito de carro para o ano de 2020. “O automóvel projetado é compacto e elétrico. As rodas se encaixam em uma espécie de trilho de trem e o veículo armazena bastante energia, funcionando à bateria” - conta Alexandre.

Site da empresa: [www.doisprau.com.br](http://www.doisprau.com.br)



Centro Acadêmico de Design da UDESC

### CADU, o centro acadêmico de Design da UDESC

O CADU está sob sua 6ª gestão e de acordo com Thiago, o secretário atual do centro acadêmico, a gestão respondeu pela delegação para RDesign em Londrina, à Bienal de Design em Curitiba e a organização do Picote - Final de Semana Acadêmico de Design de Florianópolis (em parceria com os cursos de Design da UFSC e IF-SC). Também promoveram a festa LIKE e a 5ª edição do Projeto 2, e a Semana Acadêmica do Design da UDESC.

Para entrar em contato com o CADU:  
Site do CADU: [www.cadu.udesc.br](http://www.cadu.udesc.br)  
e-mail: [cadudesc@gmail.com](mailto:cadudesc@gmail.com)  
facebook: [www.facebook.com/cadudesc](http://www.facebook.com/cadudesc)



**Projeto de estampas para tecidos inspiradas no livro “Arca de Noé”, de Vinícius de Moraes.**  
Realizado pela aluna formada em Design Gráfico, Marina Kurth, na disciplina de Projeto de Graduação.

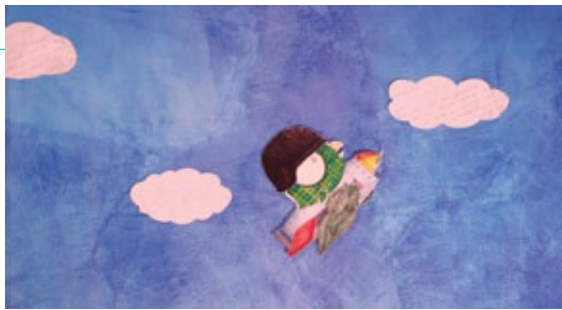
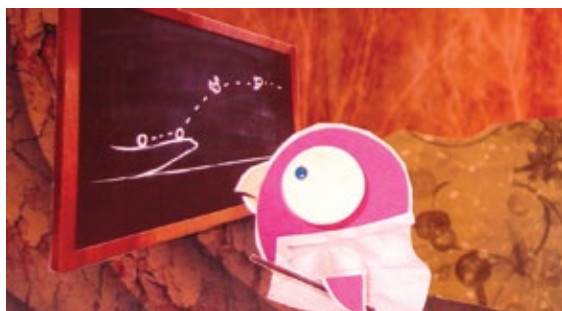




Edição especial do livro **O Dia do Curinga**, de Jostein Gaarder.

Projeto realizado pelo aluno formado em Design Gráfico Marc Barreto Bogo na disciplina de Projeto de Graduação.





Curta de Stopmotion intitulada "Aulas de Voo", disponível no site: [www.vimeo.com/rodrigokormann/flightclasses](http://www.vimeo.com/rodrigokormann/flightclasses)  
Projeto de Johnatan Matos, Bruno Gonçalves Ferreira e Rodrigo Kormann na disciplina da Produção da Imagem e Movimento.



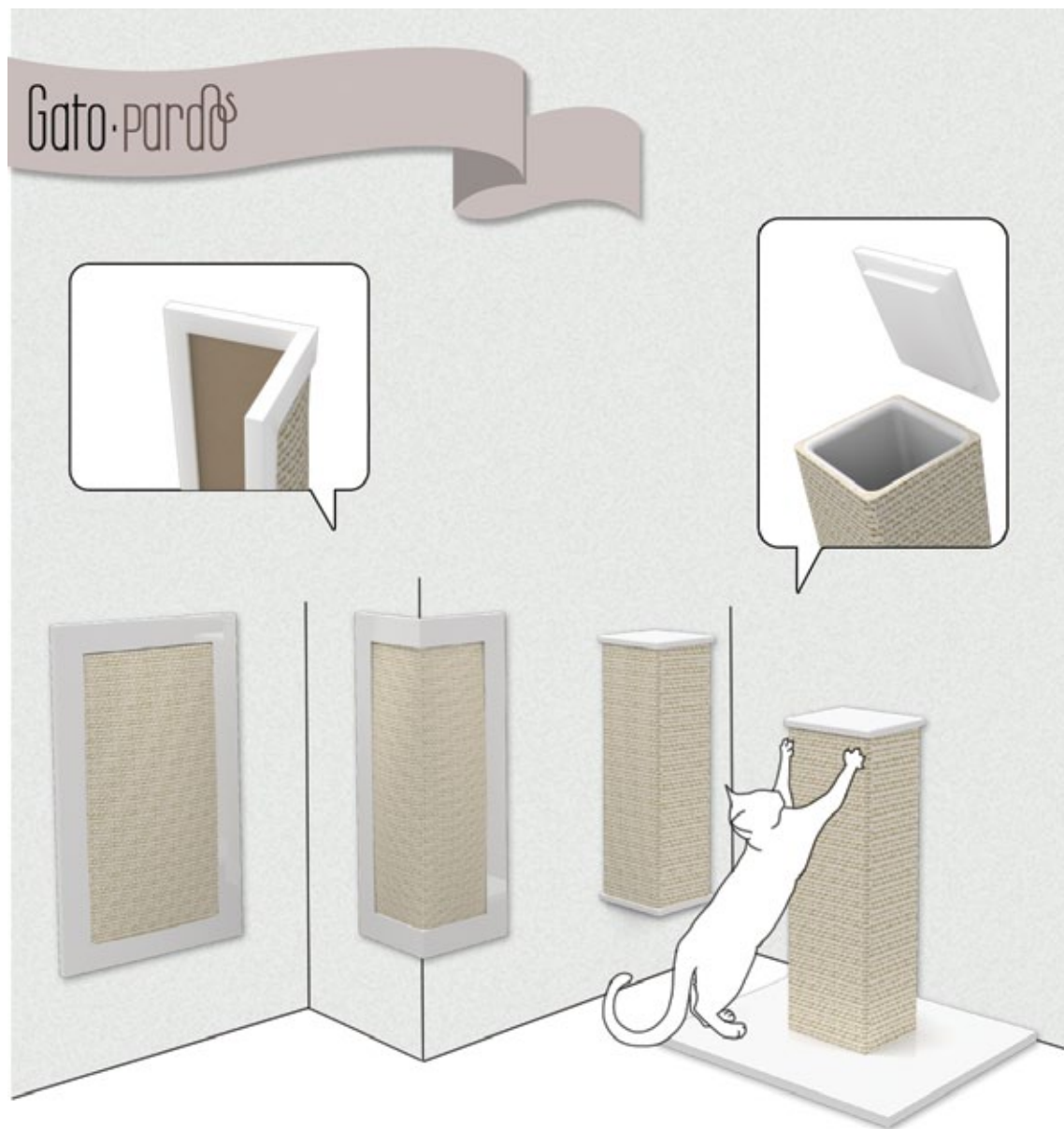
**Projeto de Lancha.** Foi buscada uma conciliação entre o formato do casco e o aproveitamento de espaço interno.  
Projeto realizado por Túlio C. Lenzi da Silveira, designer industrial formado pela UDESC, na Disciplina de Projeto de Graduação.



**Estojo e materias de desenho “Droli”, projetado para crianças com deficiências motoras nos membros superiores.**

Projeto realizado pelo aluna Camila Baratieri na disciplina de Prática Projetual III.





**Arranhadores Gato-Pardo, mobiliário felino produzido com foco no ambiente do dono e no conforto do animal.**

Projeto realizado pela aluna Fernanda Gomes Faust na disciplina de Prática Projetual V.



Ambiente aconchegante no It Brechó, localizado na Lagoa da Conceição. Foto fornecida pela loja.

## Brechós aliam peças originais e sustentabilidade

Por Fernanda Burigo, do Núcleo de Comunicação do CEART

Apesar de muita gente ainda não gostar, os brechós estão conquistando cada vez mais espaço. A ideia que as lojas remetem a velharia, mofo, má qualidade, está se tornando ultrapassada. A moda das passarelas é feita de muita releitura e, constantemente conceitos do passado voltam repaginados. Roupas de brechó podem servir de inspiração e dão a oportunidade de criar sua própria moda. “O bom dos brechós é que, além de ecologicamente corretos, eles oferecem peças únicas, originais. E o que não serve para a uma pessoa, pode agradar a outra”, diz Monique Vandresen, professora do curso de Moda do CEART.



As egressas de Artes Plásticas do CEART, Adriana Barreto, Bruna Mansani e Joceane Willering começaram o Bem Ditas em 2008. Por dois anos o brechó tinha um formato itinerante, as meninas participavam de exposições na UDESC e feiras. “A gente sempre curtiu ir a brechós, procurar roupas diferentes. De um hobby, acabou virando uma obsessão. Nós tínhamos tantas coisas que resolvemos abrir o nosso brechó”, conta Joceane. Em fevereiro de 2011, as donas do Bem Ditas junto com amigos criaram a loja Cincocinco, um espaço multicultural que envolve moda, antiguidades, encadernações, brechó e arte. Florianópolis tem boas opções para quem quer comprar roupas de vários estilos por um preço acessível.

O Brechik é para quem gosta de garimpo. A loja tem dois ambientes divididos em espaços para roupas e acessórios masculinos e femininos, cama mesa e banho e um terceiro ambiente só para eletrônicos, DVDs, CDs, vinis e fitas de vídeo. O Brechó-Arte-Trapó Chique é ideal para os pesquisadores de figurino, principalmente para o pessoal do Cinema e Artes Cênicas. Outra loja que funciona em um ambiente charmoso é o It Brechó. Lá é possível encontrar peças bem selecionadas, sendo que muitas são importadas. ■

## Brechós citados na matéria

Bem Ditas – Rua Tiradentes,  
194, Centro.  
Fone: (48) 3024.0851

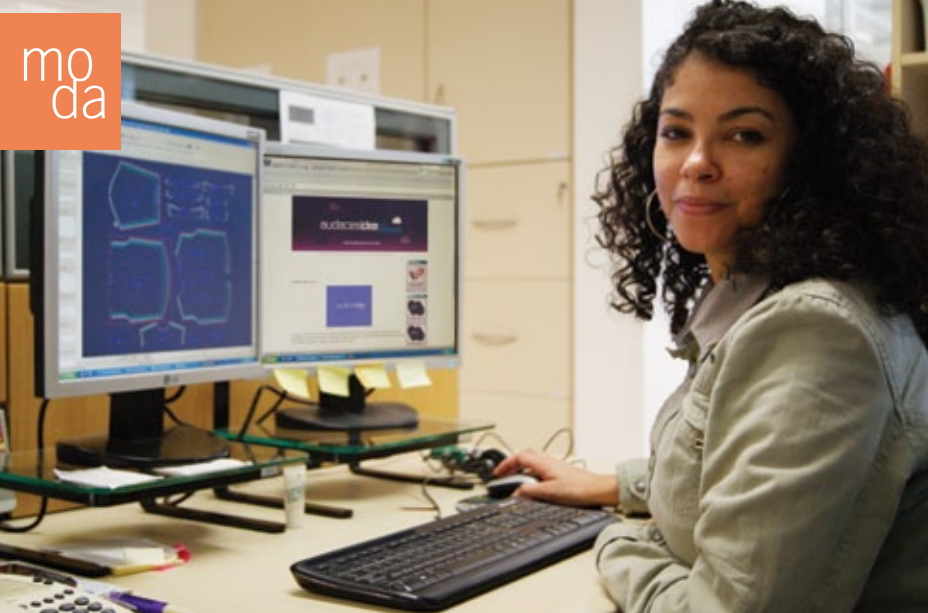
Brechik - Jornalista Oswaldo Melo,  
76, Centro.  
Fone: (48) 3324.0744

Trapó Chique - R. Cônego Bernardo,  
44, Trindade.  
Fone: (048) 9145.9024

It Brechó - Rua Moacyr Pereira Júnior,  
49, S 01 - Lagoa Conceição.  
Fone: (48) 3232.5037



Foto fornecida pela Bem Ditas Brechó.



Segundo Janaina, o programa da Audaces é de fácil manuseio. Pauliane afirma que o ensino de modelagem vem sendo difundido através do software. Foto: Naiane Cristina Salvi.

# Moda e Tecnologia: Nicho Promissor

Conheça o trabalho de quem trabalha na empresa catarinense Audaces

Por Fernanda Burigo, do Núcleo de Comunicação do CEART

Desfiles, editoriais, tecidos, cortes, desenhos. A moda é vista como uma fábrica que envolve estilistas, costureiras, modelos, mas dificilmente é associada à tecnologia. Esse nicho, particularmente inovador, foi descoberto por diversos alunos do curso de Moda do CEART para trabalhar. A Audaces, empresa de softwares que desenvolve soluções em tecnologia para automação dos processos produtivos, é uma grande referência na área.

“É muito fácil manusear o programa de modelagem da Audaces que apresenta, como resultado, um trabalho impecável e preciso”, diz Janaina Figueiredo, acadêmica da nona fase do curso de moda do CEART. Pauliane Duarte, também aluna do curso de moda da UDESC, é estagiária da empresa Audaces e trabalha, atualmente, no setor Negócios Online. “Através da loja online, vendemos os cursos e as tintas usadas pela plotter, entre outros produtos”.

Hoje, Janaina e Pauliane atuam com Michele Sofka, também aluna do CEART, no Audaces FashiOnline - curso virtual e online que oferece o ensino das funcionalidades

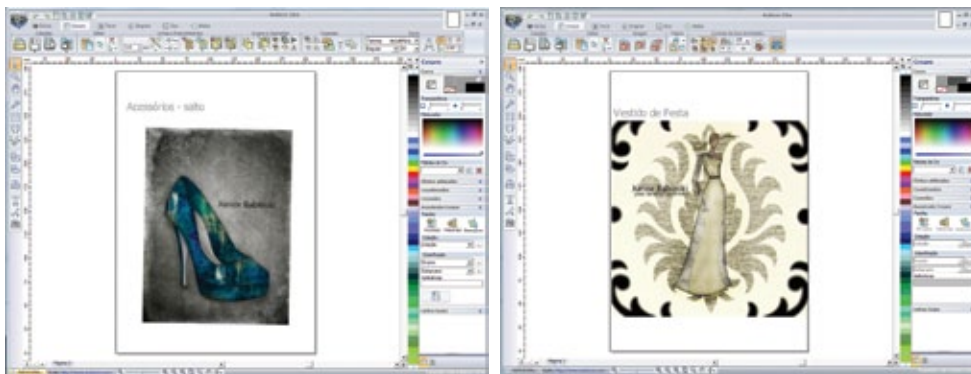
dos softwares Audaces Vestuário Moldes, Audaces Vestuário Encaixe, Digiflash e o lançamento recente, o Idea Creare.

Todo o conteúdo do curso a distância da solução Audaces Vestuário foi orientado e revisado pela professora da UDESC Luciana Dornbusch Lopes. O método adotado neste curso para desenvolvimento da modelagem é o mesmo utilizado no Bacharelado em Moda da UDESC, e foi elaborado pela professora Icléia Silveira com auxílio dos professores Lucas da Rosa e Luciana.

O setor de confecção do Vestuário é uma área que tem muitos dos seus processos realizados por meio de tecnologias informatizadas. Desde a fase de criação dos modelos, passando pela etapa de desenvolvimento do produto, até a produção, encontram-se opções de softwares.

“Vivemos num momento especial, no qual o volume das novas tecnologias, não apenas no setor do Vestuário e Moda, aumenta todos os dias. Nunca houve tamanha disponibilidade. Acompanhar os novos desenvolvimentos e lançamentos de produtos tecnológicos é um grande desafio. Em algumas ocasiões, a diversidade de opções e o esforço para compreender a funcionalidade e uso de certos sistemas se torna uma tarefa complexa”, afirma Luciana.

O uso de tecnologia pode encarecer o produto final dependendo da sua complexidade e nível de abrangência das tarefas de gerenciamento e produção. De acordo com Luciana, a decisão pelo uso de tecnologia precisa vir seguida de um completo planejamento. “Até porque, no setor de vestuário em nosso país, ainda há uma porção significativa de funcionários não habilitados ao uso de sistemas informatizados e digitais”. ■



O Audaces é de fácil manuseio e o ensino de modelagem vem sendo difundido através do software. Acima, trabalhos de Valdecir Babinski Júnior, desenvolvidos a partir do Audaces Idea Creare.



ping pong

Registros feitos no Terminal de ônibus integrado do centro de Florianópolis. Foto: Leonardo Lima.

# Relações entre aparência, consumo e sociedade

Entrevista com Mara Rúbia Sant'Anna

Por Fernanda Burigo, do Núcleo de Comunicação do CEART

Autora do livro “teoria de moda”, a historiadora Mara Rúbia Sant'Anna é professora do curso de moda da UDESC e líder do grupo de pesquisa “Sociedade e Moda”. Entre outros temas, Mara Rúbia aborda - em seu trabalho - assuntos relacionados à aparência, à moda e aos estudos da imagem e publicidade.

**1. Em cada época, em cada sociedade é possível perceber a mudança da maneira de se vestir com o passar dos anos. De que maneira podemos compreender a sociedade através da moda?**

As tendências de moda são produzidas visando a atender as demandas sociais, culturais e de valores que a sociedade manifesta através de seus desejos e incertezas, suas convicções e projetos de futuros. Quem sanciona essas tendências são os consumidores que as transformaram realmente numa forma comum de vestir-se num determinando tempo.

Então, pensando a questão de trás para frente, podemos concluir que as tendências de moda, como outras normas estéticas difundidas socialmente, é a maneira de expressar os valores e desejos de uma sociedade numa determinada época.

## 2. Nos últimos anos a moda é feita através de muitas releituras. Como criar e inovar em um meio que vive repetindo o passado?

Primeiramente, pode-se discutir se a releitura é uma repetição ou uma inspiração.

Considerando que nada encontra-se estático e que a sociedade é sempre dinâmica, as produções de moda do passado, mesmo que parecidas, são revestidas de outros sentidos em novas apropriações. Desta forma, a criatividade e a inovação não são invalidadas pela inspiração em formas e propostas do passado, ao contrário, revestir velhas expressões de novos significados é um trabalho de muita criatividade.

“Tendências de moda são produzidas a partir de pesquisas que ponderam a sociedade que a consome”

## 3. Você acredita que a moda traduz a sociedade através de objetos e tendências?

O vestir é uma forma dos sujeitos se comunicarem entre si e, nesta comunicação, nem sempre o “discurso” de moda, a inovação produzida sobre o vestir está presente e nem por isso a comunicação é menos eficiente. Por exemplo: você vai ao terminal de ônibus urbano e vê diferentes pessoas passando. Boa parte delas poderá estar vestida de maneira muito distante do que foi anunciado como a última tendência de moda na Vogue, mas isso

não nos impede de identificar a senhora de idade mais conservadora, o jovem que ama o roque ou a jovem que é fã do funk. Mesmo que estes sujeitos comuniquem o que são e desejam ser pelo que estão vestidos, eles não “estão na moda”, como comumente sealaria.

O sistema de moda pode se apropriar destes modos de vestir, em determinados momentos que lhe são

propícios, e transformá-los em conceitos de moda, que serão materializados na nova coleção que gente muito distante daquela do terminal poderá usar. Um exemplo legal é os hippies, eles nos anos 60 criaram um maneira de vestir se inspirando no oriente e coisas mais antigas e o sistema de moda se apropriou disso, esvaziou o conceito de crítica ao capitalismo e transformou aquele modo de vestir em estilo, tendência de moda e conceituou como expressão de liberdade, juventude, alegria de viver - mesmo numa sociedade capitalista cheia de regras e distinções sociais.

## 4. Que informações nosso modo de vestir pode dizer sobre nós e a sociedade?

As mesmas coisas que nosso modo de falar, de gostar de algumas coisas e não de outras, pois quando realizamos nossas escolhas estamos produzindo nossa subjetividade, como diria Guattari (pensador francês Félix Guattari), e a cada dia ao vestirmos isso ou aquilo, dentro de um repertório que nos foi ofertado e pelo qual escolhemos, produzimos uma fala de nossas escolhas, especialmente, do que escolhemos ser por meio do nosso parecer. Não é





Registros feitos no Terminal  
de ônibus integrado do  
centro de Florianópolis.  
Foto: Leonardo Lima.

uma escolha tão consciente e independente como imaginamos, mas que se opera cotidianamente diante de todas as possibilidades que possuímos de constituir o que chamamos de “nosso ser”.

### **5. A moda transmite aos outros quem e como somos. Como ela pode ser considerada um elemento de comunicação a partir dos códigos da linguagem do vestir?**

A moda e o vestir são coisas distintas, da mesma forma que a produção de objetos e a arte tem proximidades, mas não se tratam das mesmas coisas. Aquele que consome um objeto de moda, expressa - em particular - alguns conceitos intrínsecos a este objeto, e, acima de tudo, a ideia de atualidade, modernidade. Já através do vestir, como disse antes, podemos transmitir características mais pessoais como ousadia, conservadorismo, a despeito da inovação dos objetos que expressam isso.

### **6. Como você avalia moda na última década?**

O fenômeno cultural da moda, algo distinto daquilo que o sistema de moda produz sazonalmente, avançou consideravelmente nos últimos anos, ao menos no Brasil. Esta moda, como fenômeno, se ampliou de forma horizontal. Hoje o desejo de ser outro, a partir de sua aparência, está presente nos mais distintos grupos sociais e tem permitido a produção de modos de inovação e de criação do novo, independentemente das tendências ditadas pelas autoridades reconhecidas pelo sistema, o que por sua vez, influencia à flexibilidade este mesmo sistema e a consequente busca de pesquisa de moda em outras dimensões. ■

### **Saiba +**

Para entender mais sobre o assunto, leia o livro “Teoria da Moda”, Estação das Letras e das Cores, SP, 2a. Ed, 2009



Site: girlsnextdoor.com.br

### Livro - História do Vestuário no Ocidente - François Boucher (Editora Cosac Naify)

Com mais de mil ilustrações, obra de Boucher mostra a trajetória do vestuário, da pré-história ao final do século XX. A publicação versa sobre principais mudanças ocorridas nas silhuetas, os materiais mais utilizados em cada época e a evolução das modelagens. Obra especialmente indicada a estudantes de moda.



### Filme - Caderno de notas sobre roupas e cidades (1989)

Dirigido por Wim Wenders, o documentário se destaca pela sensibilidade ao mostrar o processo criativo do estilista japonês Yohji Yamamoto que trabalha principalmente em Tóquio e Paris.



Foto: Divulgação.

### Filme - O Louco Amor de Yves Saint Laurent (2010)

Apaixonado por moda, Yves dirigiu o ateliê de Christian Dior e depois montou o seu próprio com a ajuda de Pierre Bergé. Os dois mantiveram um romance por 15 anos, mas a parceria nos negócios durou o dobro desse tempo. O filme, dirigido por Pierre Thoretton, mostra o jeito peculiar de Yves, um ícone da moda.

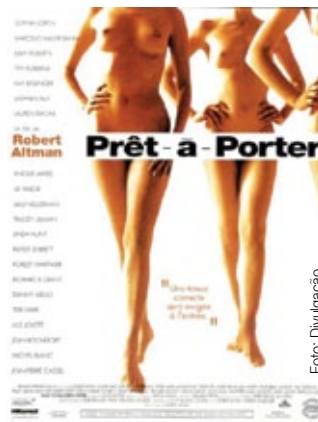
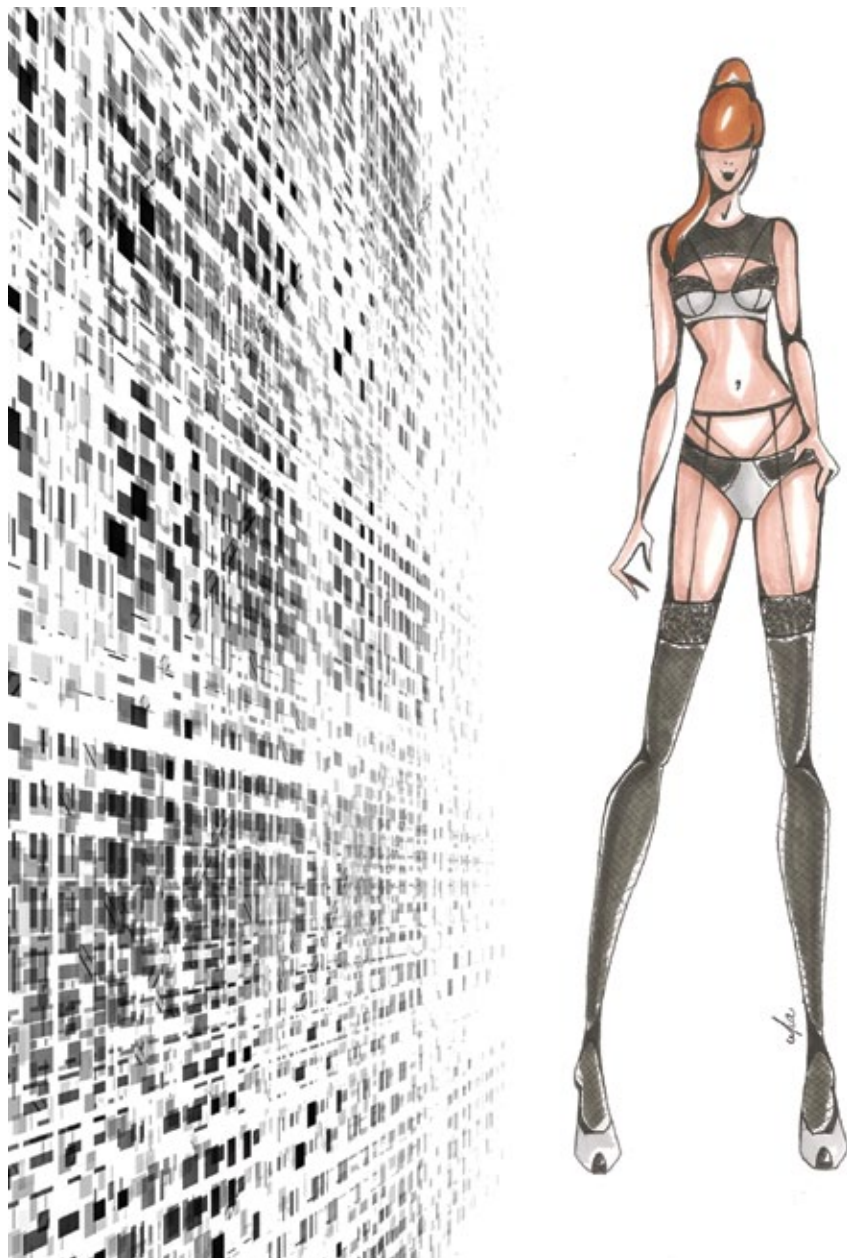


Foto: Divulgação.

### Fime - Prêt-à-Porter (1994)

Tendo como pano de fundo a semana de apresentação das coleções prêt-à-porter em Paris, o filme apresenta várias sub-tramas envolvendo modelos, jornalistas e celebridades. Dirigido por Robert Altman, o filme mostra diversos personagens do mundo fashion que interpretam a si mesmos.

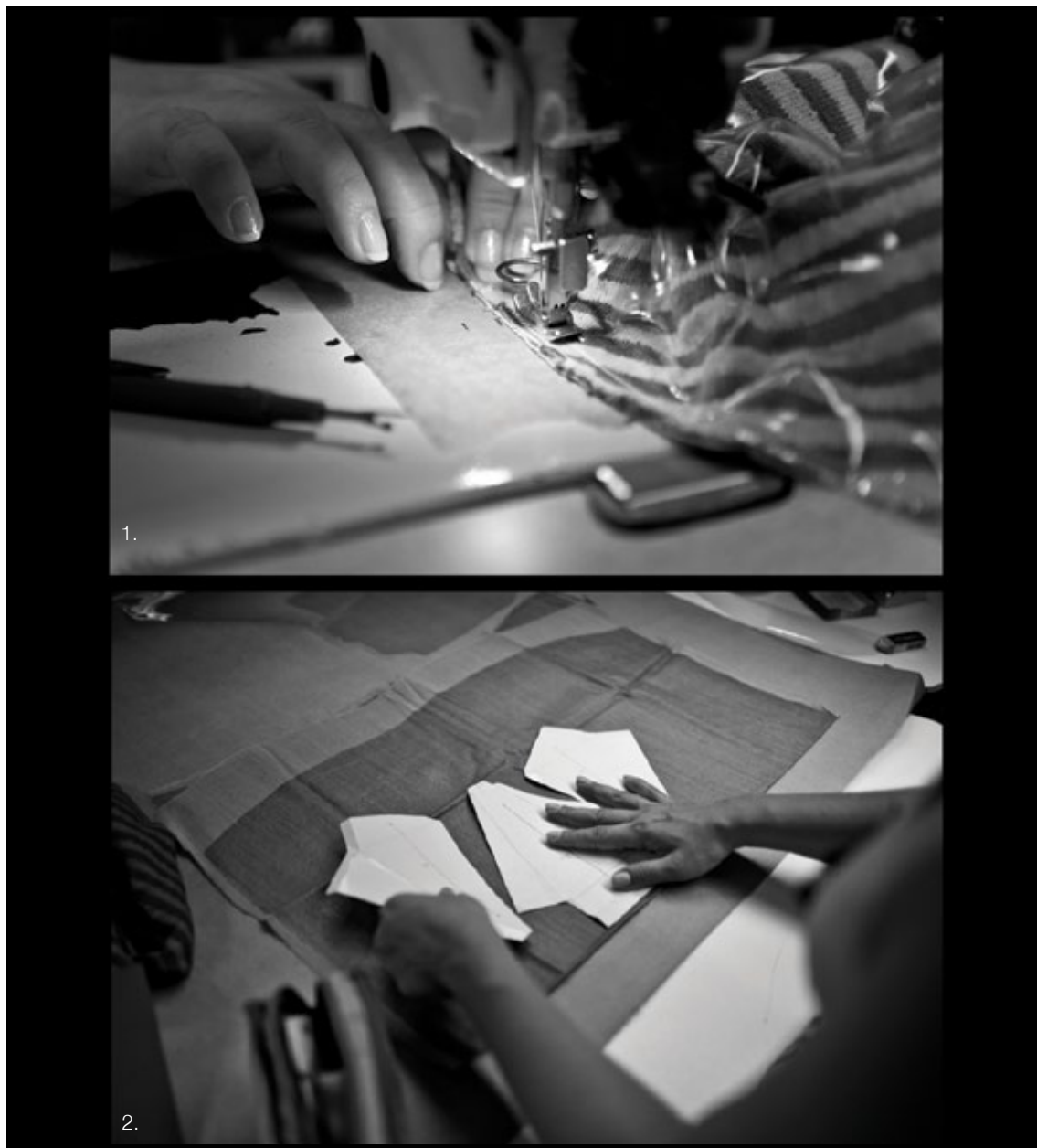


Croqui da aluna Maria Augusta Fagundes selecionado para a semifinal do concurso Lycra® Future Designers, elaborado com temática cyberpunk e trabalhado com os contrastes entre o preto e o branco. Imagem: Divulgação.



1. Itens de modelagem e moulage. 2. Segunda Imagem: Desenhos feitos por Fernanda Harumi e Naly Cabral para o SCMC. Fotos: Eliana Gonçalves.





1. Detalhe das mãos da prototipista Azenaide. 2. Fernanda Harumi fazendo o encaixe dos moldes sobre tecido.

Fotos: Raphael Günter.





1. Fernanda Harumi, Luzia Berndt e Eliana Gonçalves observam look quase finalizado. 2. Figurinos de Naly Cabral.

Fotos: Raphael Günther.



Foto: Luiz Mantovani.

## Experiências colaborativas

### Participando do nascimento de uma obra

Por Luiz Mantovani, violonista e professor do Curso de Música do CEART/UDESC

Muitas vezes me senti frustrado por não ser compositor. Embora tenha iniciado minha vida acadêmica como aluno de composição, desde o início minha aptidão para o violão foi mais forte, direcionando minha carreira artística e oferecendo oportunidades específicas de crescimento profissional. Por isso, a composição foi uma atividade bastante efêmera em minha vida, e infelizmente, não vingou. Porém, ainda que não componha, contento-me em ser intérprete. Afinal, no processo que envolve a concepção da interpretação de uma obra musical ocorrem muitas etapas cognitivas e criativas que, se não me capacitam

a ser chamado de “criador”, podem muitas vezes me alçar à condição de “recriador”.

É assim na interpretação de obras de compositores com os quais não se tem contato, seja pela distância física ou temporal. Ao interpretar uma obra de um compositor que viveu há décadas ou mesmo séculos atrás, por exemplo, sinto-me na obrigação de não apenas traduzir o conteúdo da partitura (o que qualquer computador hoje em dia faria com precisão), mas também elaborar minha interpretação penetrando no universo daquele compositor e de sua obra – não

apenas o universo estilístico, mas muitas vezes também o pessoal, bem como o contexto histórico em que viveu. A isso são somados elementos de minha própria personalidade que, afinal, caracterizam o “tempero” que fará de minha interpretação algo pessoal e único.

Além do processo de recriação discutido acima, ao intérprete que se envolva com música contemporânea existe uma possibilidade singular de participar na criação de uma obra, que é a colaboração com compositores, principalmente na função de revisor. Em minha história como instrumentista, tive algumas oportunidades de trabalhar com compositores na concepção de obras originais, e posso afirmar que este é um dos trabalhos que mais me encantam.

A maioria de minhas colaborações foi com compositores que não tocavam o violão – ao menos não de maneira profissional – e isto me aproximou ainda mais da essência da criação. Isto acontece porque o violão é um instrumento que apresenta possibilidades polifônicas muito mais limitadas que o piano, por exemplo; mas, dentro destas limitações, apresenta infinitas nuances técnicas e sonoras, muitas ainda hoje pouco exploradas. Assim, raramente um compositor que não tenha conhecimento prático do instrumento saberá explorar estas nuances em sua plenitude, a não ser que conte com a assessoria de um intérprete experiente. Ainda que a história do instrumento algumas vezes desminta o que acabei de expor, tenho plena convicção de que o auxílio do instrumentista como mediador entre a concepção original e o

resultado idiomático final é particularmente importante.

Minhas colaborações com compositores começaram ainda na graduação em Campinas e no Rio de Janeiro, passaram pelo período em que morei e estudei nos Estados Unidos e continuam hoje em Florianópolis. E, por que não dizer, no mundo, já que a internet praticamente eliminou a barreira da distância física para a troca de informações. Entre os compositores com os quais trabalhei mais diretamente

no passado posso citar o paulista Raul do Valle (Vitrais, para flauta e violão, 1992), o israelense Lior Navok (Meditation, para violão solo, 2001) e o norte-americano David Leisner (Acrobats, para flauta e violão, 2002).

Desde que comecei a lecionar na UDESC em 2003, tive contato com talentosos colegas compositores que escreveram ou escrevem para o violão, tais como Kleber Alexandre, Lourdes

Saraiva e Luigi Irlandini. Com participação direta na concepção de uma obra original, não posso deixar de mencionar minha experiência com nossa querida Maria Ignez Cruz Mello, falecida em 2008. Ainda que não tenha feito a estreia, em 2005 ajudei-a na revisão da peça Desterro – Noite/Dia, para violão solo, estreada naquele mesmo ano na Bienal de Música Contemporânea do Rio de Janeiro. Já com Acácio Piedade e seu ciclo de canções Desertos, para mezzo-soprano, dois violões e violoncelo, minha participação foi como revisor da escrita violonística e instrumentista da estreia da obra, que aconteceu em 2009 no Festival de Música Contemporânea da Aliança Francesa, no Teatro Álvaro de Carvalho aqui

“O auxílio do  
instrumentista  
como mediador  
entre a concepção  
original e o resultado  
idiomático final é  
particularmente  
importante”

em Florianópolis. O prazer em estrear esta obra foi ainda maior em virtude de ter dividido o palco com colegas, alunos e ex-alunos do Departamento de Música da UDESC.

Minha mais recente colaboração, e também a mais intensa e de maiores proporções, aconteceu em 2010. Desde a experiência prévia com *Meditation* em 2001, eu e Lior Navok conversávamos sobre o sonho da encomenda de um concerto para violão e orquestra. Apesar da vontade de ambos, uma obra deste porte exigiria um compromisso da parte de uma orquestra sinfônica e um aporte financeiro considerável, o que não permitiu que nosso projeto fosse realizado de imediato. No início do ano passado, entretanto, uma encomenda da Israel Sinfonietta Beer Sheva e o apoio da Embaixada do Brasil em Tel Aviv permitiram que o sonho tomasse forma.

Apesar de não ser violonista, a experiência prévia de Lior na escrita para o instrumento forneceu-lhe um conhecimento muito prático sobre o violão, o que dispensou revisões elementares de minha parte. Desde os primeiros rascunhos da obra pude perceber que meu trabalho de revisor seria em nível muito além da mera exequibilidade das notas, instigando-me a compreender o papel do instrumento solista em um contexto instrumental que é, por natureza, muito mais amplo e complexo do que o vivenciado em minhas experiências colaborativas anteriores. Assim, minha função enquanto revisor seria a de assegurar que, em sua escrita violonística, o compositor expressasse suas idéias da maneira mais idiomática possível, de modo que o violão soasse perfeitamente integrado ao conteúdo musical e emocional de cada passagem da obra. Isso exigiu, mais que nunca, um mergulho na mente criativa do compositor, explorando caminhos muitas vezes ainda desconhecidos para mim. O Concerto para Violão e Orquestra de Lior Navok foi estreado em outubro de 2010, na cidade de Beer Sheva, Israel, e considero minha participação no nascimento desta obra como uma das ocasiões mais estimulantes e, ao mesmo tempo, desafiadoras de minha carreira.

A experiência de trabalhar diretamente com compositores é das mais gratificantes que um instrumentista pode ter. Dar vida a um trabalho do qual se participou ativamente na concepção oferece uma satisfação, acredito, quase comparável à satisfação da criação propriamente dita. O ambiente universitário é um ambiente extremamente fértil para que isto aconteça, devido à convivência e diversidade de personalidades artísticas que lhe é peculiar.

Fica, pois, minha dica para os jovens compositores e instrumentistas da UDESC: colaborem! ■



Imagem: Divulgação.

### Livro - Pedagogias em Educação Musical reúne ensaios de grandes pedagogos musicais

Sob a organização das professoras Teresa Mateiro e Beatriz Ilari, o livro *Pedagogias em Educação Musical* reúne de forma inédita ensaios sobre o trabalho de dez grandes pedagogos musicais: Émile Jaques-Dalcroze, Zoltán Kodály, Edgar Willemms, Carl Orff, Maurice Martenot, Shinichi Suzuki, Gertrud Meyer-Denkman, John Paynter, Raymond Murray Schafer e Jos Wuytack.

Astor Piazzolla.  
Autor desconhecido.

### Quinteto de Cordas Catarinense interpreta Astor Piazzolla

Selecionado no Edital Elizabete Anderle de Estímulo à Cultura, o CD tem como proposta conferir nova interpretação para algumas das obras mais importantes de Astor Piazzolla na formação de quinteto de cordas. O Quinteto é formado pelos músicos João Eduardo Tilton, Pedro Miszewski, Jhonatan Santos, Hans Twitchell e Gustavo Lange Fontes. Os arranjos são de Jaime Zenamon, exceto para *La Muerte del Angel*, que é de Guido Borgomanero.



Imagem: Divulgação.

### Livro - Os Jesuítas e a Música no Brasil Colonial debate relação musical entre indígenas e jesuítas no Brasil

*Os jesuítas e a música no Brasil colonial* é uma pesquisa do professor Marcos Holler (UDESC), que consultou a documentação jesuítica arquivada em Lisboa, Roma e várias cidades brasileiras, reunindo praticamente todas as informações sobre a atividade musical escrita pelos jesuítas ou sobre eles no Brasil. Além de se referir aos estudos anteriores sobre o tema, o autor expõe uma nova e visão sobre o assunto e responde a várias questões sobre a difícil relação musical entre indígenas e jesuítas no Brasil.

Villa-Lobos.  
Autor desconhecido.

### Quarteto Brasileiro de Violões lança CD dedicado a Villa-Lobos

O CD *Brazilian Guitar Quartet plays Villa-Lobos*, lançado pelo selo norte-americano Delos, é o primeiro CD do quarteto inteiramente dedicado ao compositor brasileiro Heitor Villa-Lobos, representado por algumas de suas obras-primas em arranjos inéditos. Com expressiva carreira internacional de mais de 300 concertos em quatro continentes, o grupo se diferencia por um repertório que inclui dois violões de seis cordas e dois violões de oito cordas de tessitura expandida. Em atividade desde 1998, é formado por Everton Gloeden, Tadeu do Amaral, Gustavo Costa e Luiz Mantovani.





Foto: Mariana Moros.

# Peculiaridade no som do Cravo-da-Terra

Com onze anos de carreira, banda é integrada por alunos formados pelo CEART

Por Natália Izidoro, do Núcleo de Comunicação do CEART

A caminho de seu terceiro disco, o grupo musical Cravo-da-Terra tem onze anos de estrada e um repertório que combina tradição popular e elementos contemporâneos.

## Origem e transformações da banda

A vocalista e flautista da banda, Ive Luna, fundou o Cravo-da-Terra com o violonista Luis Coelho, hoje professor do departamento de música da UDESC. Em 2000, ambos pertenciam ao Grupo Teatro Jabuti e apresentaram um repertório de músicas brasileiras no Encontro Latino Americano de Teatro Popular, no Chile. “Durante a viagem ao Chile, a Ive e eu tivemos tempo para preparar o repertório brasileiro, algo que tínhamos vontade de fazer desde a faculdade”, relembra Luis. O professor conta que nasceu, então, o Duo Cravo-da-Terra. O duo passou a se apresentar em cafés de Florianópolis até que Mateus Costa, contrabaixista, juntou-se à dupla e, juntos, formaram o Trio Cravo-da-Terra.

Em 2003, o violinista Marcelo Mello se juntou à banda e, pouco tempo depois, o grupo lançou o primeiro CD, intitulado *Cravo-da-Terra*. Em 2005, Luis saiu do grupo e entraram o violonista Otávio Rosa e o percussionista Rodrigo Paiva. Em 2008, ainda com essa formação, foi lançado o segundo CD, chamado *Infinito Som*. No ano seguinte, Otávio saiu do grupo e entrou o violonista Pedro Cury. Em 2010, Marcelo Mello se despediu da banda e entrou o violinista Tales Custódio, fechando a atual formação. Todos os integrantes atuais, Ive Luna, Mateus Costa, Rodrigo Paiva, Pedro Cury e Tadeu Custódio, passaram pelo curso de Música do Centro de Artes da UDESC.

Segundo Ive, as primeiras apresentações do grupo traziam no repertório muitas músicas clássicas do repertório popular brasileiro, como canções de Tom Zé, Dorival Caymmi e Tom Jobim. “Nessa época dávamos muita atenção aos arranjos de música de outros compositores, e isso foi uma escola para o grupo”. A partir de 2002 o grupo passou a se dedicar às próprias composições.

## Particularidades e influências

Rodrigo Paiva, que trabalha com diversas bandas, orquestras e artistas, conta que a poesia e arranjos distinguem o *Cravo-da-Terra* de outros grupos. Ive e Pedro participam de outro grupo, o Trino, que tem no repertório somente músicas tradicionais do Brasil. A vocalista considera que essa escuta específica traz uma sonoridade particular ao grupo quando misturada com outros estilos musicais, como a da música erudita europeia. “Eu nasci ouvindo Tropicalismo, que tem muita orquestra, arranjos belíssimos, poesias fortes. Ouvi muita música nordestina também, e penso que daí vem meu ouvido modal, o que influencia minhas composições”, analisa Ive.

Tales e Mateus afirmam que todos os integrantes acabam levando experiências musicais da vivência pessoal e familiar de cada um à banda. “Misturamos isso e dá no que dá, acontece ao acaso”, comenta Mateus. “E como cada integrante vem de um contexto diferente, é possível levar particularidades de cada meio para o som do grupo”, complementa Tales. Pedro acrescenta: “Existe uma admiração de cada integrante do grupo pela música do outro, e isso faz do *Cravo* um grande salão de ideias e sons que se experimentam através da nossa música”.



Foto: Leonardo Lima.



Foto: Leonardo Lima.

Para Pedro, embora exista uma grande liberdade de criação e respeito pelas ideias que cada um leva ao grupo, o Cravo criou uma linguagem própria, e quem ouve reconhece esse “sotaque” particular.

### Sobre cada um

Ive Luna rege o coro Gira-Coro, integra também o grupo Trino, faz preparação vocal para atores, dá aulas particulares de canto e desenvolve trilhas sonoras. Em 2007, recebeu o troféu Cata-Vento da Rádio Cultura AM de São Paulo como melhor cantora do circuito nacional independente.

Rodrigo Paiva é professor de Música na Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) e no Conservatório de Música Popular Cidade de Itajaí. O músico também integra a orquestra Camerata Florianópolis.

Mateus Costa é integrante do A Corda em Si ([www.myspace.com/acordaemsi](http://www.myspace.com/acordaemsi)), um duo de contrabaixo e voz com a cantora Fernanda Rosa que realizou uma turnê pelo SESC e lançou um CD em 2010. Além disso, dá aulas particulares de contrabaixo e flauta doce.

Tales Custódio trabalha também com o Grupo Catavento (vencedor do Prêmio Circuito Funarte de Música Popular 2010) do músico Felipe Coelho, e com o Trio Ternura, que está planejando o lançamento do primeiro CD. Além desses trabalhos, toca eventualmente em orquestras da cidade.

Pedro Cury é graduando em música pela UDESC, dá aulas de música e também é integrante do quarteto Trino, ao lado de Ive. Trabalha o grupo de samba “Um Bom Partido”, que existe há mais de 10 anos em Florianópolis, e outros grupos de choro. ■

### Saiba +

Conheça mais a banda e suas músicas no site: [www.cravodaterre.com.br](http://www.cravodaterre.com.br)



**Detalhe de rabeca do Professor Luiz Henrique Fiaminghi.**

Foto: Fernando Lazlo.





**Rabecas do Professor Luiz Henrique Fiaminghi.**

Foto: arquivo pessoal do professor Luiz Henrique Fiaminghi.





**Detalhe de viola de gamba do Professor Hans Twitchell.**  
Foto: André Auler.



Célia Penteado  
e Leonardo Lima.  
Foto: Anderson Voltolini.

## Apareça e cresça

Mais que autopromoção, comunicação empresarial envolve planejamento e ação continuada

Por Deborah Salves (reprodução de trechos da matéria veiculada no site do CEART)

Conversa com Célia Penteado, jornalista que criou o Núcleo de Comunicação do CEART/ UDESC

### 1) Qual sua formação e porque escolheu atuar na área de comunicação?

Sou jornalista e sempre gostei de ler e escrever. Queria trabalhar com isso, então, fui me direcionando para a área de assessoria de imprensa/divulgação.

Comecei estagiando na Rede Bandeirantes de Televisão em São Paulo, depois trabalhei em

Assessorias de Imprensa, Agência de Publicidade e Departamento de Marketing de uma grande empresa privada.

### 2) Como surgiu o Núcleo de Comunicação?

Um pouco antes de concluir seu mandato, a professora Albertina Pereira Medeiros, então diretora do CEART, me ofereceu a oportunidade de trabalhar na Assessoria de Comunicação da UDESC, na reitoria. Entretanto, antes mesmo de eu ir para lá, em 2005, os professores Antonio Vargas e Monique Vandresen assumiram a nova gestão do CEART e perguntaram se

eu não gostaria de montar um setor de comunicação no Centro de Artes, já que há uma produção muito intensa aqui. Eu topei o desafio e não me arrependo. Gosto muito do ambiente do CEART.

### 3) Qual a função do Núcleo?

A missão do Núcleo é servir de canal para que as notícias do CEART cheguem ao público. A gente faz o meio de campo, indica os melhores caminhos e facilita este trajeto. Claro que nem sempre as pessoas querem aparecer, mas muitas vezes é importante que o seu trabalho, a sua produção ou as suas ideias encontrem ressonância, atinjam a comunidade e alcancem seu objetivo.

### 4) Qual é o sentimento de ver publicada uma matéria sobre um aluno/professor/servidor do CEART que o Núcleo ajudou a divulgar?

É muito gratificante “emplacar” as matérias na mídia. Penso que a comunicação ajuda a instituição a cumprir o seu papel. Além de disseminar a produção do CEART, a divulgação é, ainda, uma prestação de contas por parte da organização. E muitas pessoas que têm seu trabalho divulgado vêm nos agradecer. Isso é muito legal.

### 5) E por que o slogan do Núcleo é “Apareça e Cresça”?

A falta de clareza na comunicação afeta a vida de todo mundo: casais se separam por que não conseguem conversar e empresas vão à falência porque não

comunicam bem e não conseguem vender os seus produtos. Por isso o slogan “apareça e cresça”.

### 6) Quais são as atividades do setor?

O setor divulga o que é produzido pela comunidade acadêmica do CEART como exposições, shows, peças teatrais, lançamentos de livros ou trabalhos de interesse para coletividade. Realizamos entrevistas que se transformam em textos e são divulgados para a imprensa. Respondemos pela comunicação visual através da criação de logotipos, folders, cartazes.

“O Núcleo  
atua como um  
‘motorista’:  
a gente  
leva e traz  
informação”

O setor também faz o clipping (coleta) das notícias publicadas que ficam à disposição de qualquer pessoa por meio físico (papel) e digital (via net). Além de servir de banco de dados, este é um acervo valioso para perpetuar a história do CEART.

A gente monitora o site do Centro de Artes e respectivos portais dos cursos de pós-graduação. Cuidamos, ainda, do fluxo de informações veiculadas nas redes sociais como facebook e twitter, pois estes canais também são utilizados para divulgar a produção acadêmica.

O Núcleo é um local de aprendizado para quem faz estágio lá. Em seis anos de existência, mais de vinte estudantes passaram pelo setor que funciona como uma verdadeira escola. Eles aprendem - na prática - a trabalhar com comunicação e design. ■

Para contatar o Núcleo: [nucleoart@gmail.com](mailto:nucleoart@gmail.com) ou (48) 3321-8350. Acesse também a página do Núcleo: [www.ceart.udesc.br](http://www.ceart.udesc.br)









revista de distribuição gratuita



UDESC